



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Entre Timbres e Bytes - O futuro da locução de rádio com a inteligência artificial

Departamento de Comunicação

Mestrado Comunicação Social - Novos Media

2025, Maria Adriana Morais de Mendonça



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Maria Adriana Morais de Mendonça

Entre Timbres e Bytes – O Futuro da Locução de Rádio com a Inteligência Artificial

Dissertação de Mestrado Comunicação Social – Novos Media, apresentada ao Departamento de Comunicação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Carla Susana Ribeiro Patrão

Abril, 2025

Agradecimentos

Agradeço, com todo o meu amor e gratidão, à minha mãe, Maria Aparecida Morais de Mendonça, por ser minha base, minha força e minha inspiração constante. Ao meu marido, Márcio Vinícius Oliveira de Menezes, minha rocha, meu porto seguro, meu companheiro de vida e de sonhos. Obrigada por estar ao meu lado em cada desafio, oferecendo não apenas apoio incondicional, mas também fé, coragem e presença diária. Este trabalho também é teu.

Às minhas filhas, Melissa Mendonça de Menezes e Talita Mendonça de Menezes, que com seus sorrisos, abraços e amor, me deram o suporte emocional que precisei para não desistir. Vocês são minha luz e minha razão.

A Deus, não apenas pelas bênçãos recebidas ao longo desta caminhada, mas por Sua presença constante, silenciosa e fiel. Por ser luz nos dias escuros, paz nos momentos de inquietação e força quando me senti fraca. Agradeço por ser amor

À minha amiga e colega de curso, Regina Nunes, pela presença constante, pelas palavras de incentivo e por acreditar em mim mesmo nos momentos em que eu duvidei. Sua amizade foi um verdadeiro combustível nessa caminhada.

À minha orientadora, Doutora Carla Susana Ribeiro Patrão, pela escuta atenta, pela orientação segura e pela confiança em meu trabalho. Sua direção foi essencial para manter o foco e transformar ideias soltas em uma trajetória sólida.

E aos amigos próximos e familiares, que souberam compreender minhas ausências e estiveram comigo, mesmo de longe, torcendo, apoiando e vibrando a cada conquista: meu sincero muito obrigada.

Entre Timbres e Bytes – O Futuro da Locução de Rádio com a Inteligência Artificial

Resumo: Esta dissertação analisa a evolução da rádio em articulação com os avanços tecnológicos, com ênfase na aplicação da inteligência artificial na locução por meio de vozes sintéticas. O estudo parte da observação de mudanças nos modos de produção radiofônica, impulsionadas por ferramentas digitais e automações vocais, que vêm sendo gradualmente incorporadas às emissoras em diferentes contextos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), e se baseia em entrevistas com seis profissionais da área da comunicação — três no Brasil e três em Portugal — com experiência em locução e em práticas radiofônicas. As entrevistas foram conduzidas de forma remota, a partir de um roteiro semiestruturado, e incluíram uma experiência auditiva com trechos de locução humana e artificial, sem identificação prévia. O objetivo foi compreender como os profissionais percebem a presença da inteligência artificial no ambiente radiofônico, especialmente no que se refere à expressividade, à credibilidade da voz e à recepção do ouvinte. O material coletado foi codificado e categorizado segundo critérios temáticos, respeitando os princípios da análise qualitativa.

Palavras-chave: rádio, inteligência artificial, vozes sintéticas, locução automatizada, tecnologias da comunicação.

Between Timbres and Bytes – The Future of Radio Voice-Over with Artificial Intelligence

Abstract: This dissertation analyzes the evolution of radio in connection with technological advancements, with an emphasis on the application of artificial intelligence in voiceover through synthetic voices. The study is based on the observation of changes in radio production processes driven by digital tools and vocal automation, which have been gradually adopted by radio stations in different contexts. The research follows a qualitative approach, grounded in the Content Analysis method proposed by Bardin (2011), and is based on interviews with six communication professionals—three in Brazil and three in Portugal—with experience in radio voiceover and broadcasting practices. The interviews were conducted remotely using a semi-structured script and included a listening experience with human and synthetic voice samples, presented without prior identification. The aim was to understand how professionals perceive the presence of artificial intelligence in the radio environment, particularly regarding expressiveness, voice credibility, and listener reception. The collected material was coded and categorized according to thematic criteria, in line with qualitative analysis principles.

Keywords: radio, artificial intelligence, synthetic voices, automated voiceover, communication technologies.

Sumário

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO 1 - ESTADO DA ARTE | 3 |
| 1.1 Do surgimento à transformação da rádio | 4 |
| 1.2 Rádio digital | 6 |
| 1.4 Da Voz Humana à Voz Digital: A Evolução da Locução na rádio | 12 |
| 1.5 Locução e o digital | 15 |
| 1.6 A voz como marca de credibilidade | 17 |
| 1.7 Introdução à inteligência artificial e suas principais aplicações na rádio..... | 19 |
| 1.8 IA: Automação, desafios e oportunidades na rádio..... | 21 |
| CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA | 35 |
| 2.1. Tipo de Pesquisa | 36 |
| 2.2. Instrumento de Coleta de Dados | 36 |
| 2.3 Experiência Auditiva integrada a entrevista | 37 |
| 2.4 Participantes a pesquisa..... | 38 |
| 2.5 Procedimentos Éticos | 39 |
| 2.6 Análise de Conteúdo | 40 |
| 2.6.1 Codificação e Categorização | 40 |
| 2.6.2 Análise da Experiência Auditiva | 41 |
| 2.6.3 Unidades de Registro..... | 42 |
| 2.6.4 Análise Categorical | 42 |
| CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS RESULTADOS | 44 |
| 3.1 Caracterização dos participantes da pesquisa | 45 |
| 3.2 Análise de conteúdo - Etapa 1..... | 47 |
| 3.2.1 Percepções sobre a Inteligência Artificial na Locução de Rádio | 48 |
| 3.3 Habilidades e Competências para o Futuro | 63 |
| 3.4 Futuro da Locução de Rádio | 70 |
| 3.5 Etapa 2 - Experiência auditiva | 74 |
| 3.5.1 Percepção Vocal e Expressividade | 75 |
| 3.5.2 Credibilidade e envolvimento do ouvinte..... | 82 |
| CAPÍTULO 4 – CONCLUSÃO | 89 |

| | |
|---|------------|
| 4.1 Considerações Finais | 90 |
| 4.2 Limitações do Estudo..... | 90 |
| 4.3 Perspectivas para Pesquisas Futuras..... | 91 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 92 |
| ANEXOS | 99 |
| Anexo A - Guião das entrevistas | 100 |

Lista de abreviaturas

1. AM – Amplitude Modulada
2. DAB – Digital Audio Broadcast
3. FM – Frequência Modulada
4. GPT - Generative Pre-trained Transformer
5. IA – Inteligência Artificial
6. PLN – Processamento de linguagem natural
7. TTS – Text to Speetch
8. VHF – Very high frequency

Lista de figuras

- Figura 1 - Primeira página do jornal O GLOBO de 31 de outubro de 1938.....17
- Figura 2 - Percepção dos ouvintes sobre o uso de inteligência artificial no rádio para substituir vozes humanas em diferentes contextos.....32

Lista de Tabelas

1. Tabela 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa46
2. Tabela 2 – Análise de conteúdo - Parte 147
3. Tabela 3 – Análise de conteúdo - Parte 275

INTRODUÇÃO

A rádio, desde sua criação, tem se mantido como um dos meios de comunicação mais resilientes e adaptáveis da história. Acompanhando sucessivas transformações tecnológicas, do transistor à digitalização, do FM ao streaming, a radiofusão tem evoluído não apenas em suas formas de transmissão, mas também nos modos de produção, linguagem e interação com o público. No atual cenário, destaca-se a emergência da inteligência artificial como uma nova força motriz de mudança, especialmente no campo da locução radiofônica.

Com as novas tecnologias de processamento de linguagem natural e síntese de voz, surgem as vozes sintéticas, sistemas de inteligência artificial capazes de realizar locuções com crescente fluidez, clareza e naturalidade. Essas vozes já vêm sendo integradas na programação de rádios musicais e comerciais, em especial nos Estados Unidos e na Europa, permitindo a automação total ou parcial de blocos radiofônicos e produção de conteúdo de áudio sob demanda. Segundo Braga (2008), a sofisticação dos algoritmos de conversão texto-fala (TTS) tem possibilitado que a locução automatizada atinja níveis de performance adequados para contextos profissionais.

A incorporação dessas tecnologias em um meio tradicionalmente marcado pela expressividade humana levanta uma série de questões sobre autenticidade, emoção e vínculo com o público. A voz, como elemento central da comunicação na rádio, desempenha não apenas uma função informativa, mas também afetiva e simbólica, sendo reconhecida como veículo privilegiado de valores culturais e sociais (Lavoigne, 1984; Meditsch, 1997). Como aponta José e Sergl (2021), a conexão entre locutor e ouvinte está alicerçada na confiança e na familiaridade, aspectos que desafiam a replicação por sistemas artificiais.

Este estudo, propõe investigar os efeitos da introdução de vozes sintéticas na locução de rádio, a partir das percepções de profissionais da comunicação. Para isso, foram realizadas entrevistas com locutores e comunicadores do Brasil e de Portugal, com experiência na rádio tradicional e com conhecimento sobre as mudanças tecnológicas em curso. A

pesquisa segue uma abordagem qualitativa, baseada na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), considerando os sentidos atribuídos à presença da inteligência artificial no ambiente radiofônico, sem a pretensão de antecipar conclusões, mas sim de compreender a complexidade do fenômeno em curso.

Conforme enfatiza Bill Gates, “Eu sabia que tinha acabado de ver o avanço mais importante na tecnologia desde a interface gráfica do usuário..” (Gates, 2023, parágrafo 7) e deve reconfigurar profundamente a forma como nos comunicamos. No campo da rádio, essa transformação já começou e compreender como ela é percebida por quem faz rádio é parte essencial para entender os rumos dessa mídia centenária.

A presente dissertação está estruturada em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O Capítulo 1, Estado da Arte, apresenta uma contextualização teórica e histórica da rádio e da locução radiofônica, explorando sua evolução até aos desafios contemporâneos impostos pela inteligência artificial. O Capítulo 2 descreve a metodologia adotada na pesquisa, detalhando os procedimentos de recolha e análise dos dados. O Capítulo 3 é dedicado à caracterização dos participantes e à análise qualitativa das entrevistas realizadas, a partir das categorias estabelecidas. Por fim, o Capítulo 4 discute os principais resultados à luz dos objetivos da investigação, estabelecendo conexões com o referencial teórico. A dissertação se encerra com as considerações finais, que sintetizam as principais conclusões do estudo e apontam caminhos para futuras pesquisas.

CAPÍTULO 1 - ESTADO DA ARTE

1.1 Do surgimento à transformação da rádio

Desde sua invenção, a rádio passou por inúmeras transformações, não apenas em termos tecnológicos, que aprimoraram sua infraestrutura, mas também na maneira como o conteúdo é transmitido, mantendo-se relevante e competitivo ao longo do tempo.

Mesmo com os novos meios de comunicação, como a televisão e mais tarde a internet, as inovações tecnológicas moldaram a rádio e a forma como consumimos.

De acordo com Kopitz & Marks (1999), a Frequência Modulada (FM), introduzida na década de 1950, embora com crescimento lento, foi percebida como uma melhoria em relação à Amplitude Modulada (AM). Ela proporcionou um som mais claro e melhorou a recepção, especialmente em sistemas móveis, o que acabou promovendo o uso mais amplo do FM nos anos seguintes.

A FM também proporcionou mudanças na linguagem da rádio, diferentes estilos musicais, programas de debates e noticiários passaram a integrar a programação da rádio. “Então os ouvintes aliam o bom som aos programas de entrevistas, auto-ajuda, prestação de serviços, informação e entretenimento que as FMs passaram a oferecer.” (Prata 2007, p.5). Essa mudança foi particularmente importante para a transmissão de música, proporcionando uma maior qualidade sonora e imersão para os ouvintes.

“Uma inovação tecnológica importante marcou a história da rádio na década de 50: a chegada do transistor, que livrou o aparelho de fios e tomadas, proporcionando a criação de uma nova linguagem, apropriada para um veículo com alta mobilidade, que acompanha o ouvinte onde quer que ele esteja” (Prata, 2007, p.4).

A invenção do transistor trouxe um grande impacto para a indústria da rádio, tornando os dispositivos menores, mais eficientes e portáteis. Essa tecnologia permitiu a redução do tamanho dos rádios, tornando-os mais baratos e acessíveis para o uso pessoal. Com isso, a rádio pôde ser levada a qualquer lugar, proporcionando uma experiência móvel e personalizada. As pessoas passaram a ouvir rádio em seus carros, em atividades ao ar livre, ou mesmo no trabalho, libertando-o do "hardware volumoso e estacionário" que o limitava anteriormente (O'Donnell et al., 1990, p. 14). Isto teve um grande efeito na locução, pois permitiu uma maior personalização e flexibilidade na programação. Os locutores começaram a se adaptar a um público mais diversificado e móvel, criando

conteúdo que pudesse ser consumido em qualquer lugar e a qualquer momento (Ajisafe & Dada, 2023).

A linguagem da rádio mudou, com a necessidade de alcançar a dinâmica personalizada. Essa nova linguagem deu origem ao jornalismo radiofônico moderno, com foco na agilidade da informação (Prata, 2007). Ainda segundo Prata (2007) uma tendência importante acentuada pelo fenômeno da FM, foi a segmentação das emissoras, toda indústria cultural buscou este caminho como forma de atender ao mercado.

Na década de 50, e até hoje, a tecnologia vem ditando as regras e mudando os rumos da história da rádio (Prata, 2007). Isso porque na década de 50, com o surgimento da televisão a rádio sofreu seu primeiro anúncio de morte. Segundo Prata (2007), para enfrentar a nova e crescente concorrência, a rádio precisou explorar novos caminhos e definir uma linguagem própria para se destacar, iniciando assim um processo de transformação em sua estrutura e formato.

Embora a televisão tenha atraído grande parte do público da rádio, a rádio conseguiu se adaptar e continuar relevante. “O advento da televisão marca o fim da *época de ouro* da rádio. Para enfrentar a nova e potente concorrência, a rádio teve que buscar outros caminhos e definir uma linguagem específica” (Prata, 2007, p. 3).

Após perder seu lugar de privilégio para a TV, na virada dos anos 70 para os 80, ele voltou para as salas em grande estilo - estéreo, via FM, com designer arrojado e futurista (Kischinhevsky, 2007).

Na década de 1980 uma inovação possibilitou para as emissoras de rádio a transmissão de textos, uma tecnologia chamada Radio Data System (RDS), é uma tecnologia usada em transmissões de rádio FM que permite enviar informações digitais junto com o sinal de áudio, proporcionando mais funcionalidades e interatividade para os ouvintes.

O RDS foi desenvolvido na Europa, ele funciona transmitindo pequenos pacotes de dados ao lado do sinal de áudio FM, e possibilitou a integração de informações digitais com o áudio transmitido. Através dele, emissoras conseguem enviar dados como o nome da estação, o tipo de programação em execução e alertas de trânsito em tempo real, oferecendo uma experiência de usuário mais interativa e informativa. Essa tecnologia não

apenas melhora a acessibilidade das emissoras, como também beneficia os ouvintes, que têm acesso a informações adicionais de forma prática e automática. (Kopitz & Marks, 1999).

A introdução desse sistema aconteceu rapidamente na Europa, e foi tão rápido que alguns chamaram de “revolução silenciosa”, (Kopitz & Marks, 1999, p.10).

Agora a rádio não transmite apenas áudio, mas também pequenas mensagens de texto, tornando a rádio uma ferramenta multimídia.

1.2 Rádio digital

O Digital Audio Broadcasting (DAB) começou a ser desenvolvido na Europa ainda na década de 1980, como parte de um projeto de pesquisa¹. No entanto, a primeira transmissão oficial utilizando essa tecnologia só ocorreu em 1995, na Noruega e no Reino Unido (Hoeg & Lauterbach, 2003).

Desde a popularização do DAB nos anos 2000, a maneira como consumimos rádio mudou drasticamente. As rádios via satélite, lançadas comercialmente na mesma década, ampliaram consideravelmente o alcance das transmissões. Essas emissoras não dependem mais de torres de transmissão terrestre, como as rádios AM ou FM tradicionais, mas sim de satélites geoestacionários que enviam sinais de áudio diretamente para receptores especiais. Isso permite que os ouvintes acessem a programação de qualquer lugar do mundo, contanto que estejam equipados com o receptor apropriado, proporcionando uma cobertura global sem precedentes e uma qualidade de som superior devido às tecnologias digitais avançadas (Rabiner & Schafer, 2010).

A rádio via satélite possibilitou uma expansão geográfica de maneira relevante nas transmissões, permitindo a distribuição uniforme de conteúdo para múltiplas regiões. Esta tecnologia transformou a rádio em um veículo de comunicação sem fronteiras, ampliando seu alcance para um público mais vasto e diversificado (Prata, 2007).

¹ O projeto de pesquisa que deu origem ao DAB foi o **Eureka 147**, uma iniciativa europeia que visava desenvolver um sistema de radiodifusão digital mais eficiente, com maior qualidade sonora e melhor uso do espectro de frequências (Hoeg & Lauterbach, 2003).

Enquanto nos Estados Unidos as rádios via satélite ofereciam serviços por assinatura, no Brasil a primeira rádio a transmitir via satélite foi a rádio Bandeirantes (Moreira, 2002; Avrella & Becker, 2014). Segundo o Instituto de Ciências Sociais (n.d.) as pioneiras em Portugal foram a RDP e a rádio Renascença. “Embora tenha sido pioneiro o DAB é apenas uma entre muitas opções ao atual modelo analógico que vem sendo desenvolvidas nos grandes laboratórios de tecnologia” (Kischinhevsky, 2007, p. 110).

De acordo com Punchihewa et al. (2014), o DAB foi desenvolvido para fornecer programas de áudio digital de alta qualidade e serviços de dados para recepção móvel, portátil e fixa, utilizando transmissores terrestres nas bandas de VHF. O sistema surgiu como uma alternativa às transmissões analógicas de rádio FM, oferecendo melhor qualidade de som, eficiência no uso do espectro de frequências e a capacidade de transmitir dados adicionais, como informações sobre a música ou o programa em execução.

Essa inovação impulsionou transformações no cenário da radiodifusão global. Na Europa, vários países adotaram o sistema DAB, e sua versão aprimorada foi introduzida em 2007. Em 2017, a Noruega tornou-se o primeiro país do mundo a desligar o sinal de rádio FM (Almeida, 2022), marcando simbolicamente a transição para uma era dominada pelo áudio digital.

Nesse novo contexto tecnológico e de expansão de audiências, o papel do locutor também passou por profundas mudanças. O locutor de rádio precisou adaptar sua linguagem e abordagem, transitando de uma comunicação localista, marcada por referências regionais e expressões específicas, para uma comunicação mais universal e culturalmente sensível. Conforme aponta Meditsch (2001), a prática radiofônica exige uma adequação constante entre o discurso e o público-alvo, e essa adequação torna-se ainda mais desafiadora diante de audiências amplas e heterogêneas. A busca por uma linguagem mais neutra, compreensível e inclusiva passa a ser essencial para que o locutor mantenha a eficácia comunicativa, respeitando as diferenças culturais e ampliando o potencial de conexão emocional com ouvintes de diferentes contextos.

1.3 Impacto da internet e do streaming na radiodifusão.

Desde os anos 90, ouvir rádio pela internet tornou-se uma realidade comum. Com a popularização da internet, as emissoras encontraram uma nova maneira de difundir seu

conteúdo, não se limitando apenas às transmissões FM, mas expandindo sua presença através de seus próprios sites. Essa simultaneidade de transmissão nas duas plataformas possibilitou uma abrangência maior e diversificação no acesso aos programas radiofônicos, atendendo a um público mais amplo e variado (Seixas et al., 2013). “A transmissão é ao vivo, em caráter mundial, mas não usa ondas de rádio, é claro. O sinal das emissoras vem via modem, rádio, cabo ou satélite, qualquer que seja a forma de conexão à internet” (Kischinhevsky, 2007, p.114).

O primeiro grande desafio para as empresas de tecnologia nos anos 1990 foi viabilizar a transmissão de conteúdo ao vivo pela internet, superando as limitações impostas pelas baixas velocidades de conexão e pela dificuldade de distribuição de arquivos de áudio com qualidade aceitável. De acordo com Robinson (2018), essas dificuldades iniciais não impediram que a rádio via internet se consolidasse como um novo meio, capaz de ultrapassar fronteiras geográficas e remodelar práticas tradicionais de transmissão. Além disso, a transmissão online impulsionou inovações não apenas no âmbito técnico, mas também na linguagem radiofônica, exigindo novas formas de interação com o ouvinte, mais dinâmicas e adaptadas à lógica da conectividade digital.

A primeira tentativa de transmissão de áudio ao vivo pela internet ocorreu em 1995, com o lançamento do RealAudio² pela empresa Progressive Networks, posteriormente conhecida como RealNetworks. Essa inovação tecnológica permitiu, pela primeira vez, a veiculação contínua de áudio online, rompendo as limitações dos métodos tradicionais de distribuição. Segundo Kischinhevsky (2007), o surgimento do RealAudio foi um marco fundamental para a consolidação da rádio online, ao possibilitar a difusão de conteúdo em tempo real e estimular o crescimento de novas práticas comunicativas no ambiente digital.

A introdução da banda larga representou um marco transformador para o setor radiofônico, permitindo a transmissão de dados em alta velocidade e em grande volume. Essa evolução tecnológica facilitou o desenvolvimento do streaming de conteúdo

²O RealAudio foi um dos primeiros formatos de áudio desenvolvido especificamente para streaming na internet, lançado pela empresa Progressive Networks em 1995. A tecnologia permitia a transmissão de áudio ao vivo e sob demanda mesmo em conexões de baixa velocidade, e é considerada um marco na evolução do áudio digital online (Gale Encyclopedia of E-Commerce, 2001).

audiovisual, revolucionando a maneira como a rádio era consumida. Conforme destaca Kischinhevsky (2007), a ampliação da capacidade de transmissão proporcionada pela banda larga abriu caminho para novas experiências radiofônicas no ambiente digital, incluindo a integração de elementos visuais. Nessa linha, Bonini (2014) observa que a rádio, tradicionalmente um meio exclusivamente auditivo, passou a incorporar câmaras em seus estúdios e a produzir transmissões ao vivo em vídeo, prática que ficou conhecida como Visual Rádio, adaptando-se às exigências de um público cada vez mais conectado e multimodal.

Este desenvolvimento não apenas diversificou a oferta de conteúdo das emissoras de rádio, mas também enriqueceu a interação com o público, que agora poderia não só ouvir, mas também ver os apresentadores em ação (Cordeiro, 2011). “Emissoras comerciais e redes do mundo real também investiram no novo nicho, instalando câmeras nos estúdios para oferecer, em seus endereços eletrônicos, imagens dos DJs em ação, conjugando assim som e imagem para os ouvintes” (Kischinhevsky, 2007, p. 117). Com a internet transmitindo imagens dos estúdios de rádio, o locutor passou a adaptar sua forma de comunicar, utilizando não apenas a voz, mas também a linguagem corporal e visual, considerando as exigências do novo formato audiovisual que envolve os ouvintes.

Essa adaptação da rádio tradicional ao ambiente digital, combinando som e imagem, foi apenas um dos primeiros reflexos de uma transformação muito mais ampla na maneira como o áudio seria produzido, distribuído e consumido. À medida que as conexões de internet se tornavam mais rápidas e os formatos digitais, como o MP3, se popularizavam, o consumo de áudio passou a ocorrer de forma cada vez mais personalizada e sob demanda, rompendo com o modelo tradicional de transmissão linear (Bennett, 2020; Berry, 2006).

A internet banda larga e a popularização do formato MP3 transformaram profundamente o consumo de música, mudando o cenário da indústria fonográfica. Com conexões mais rápidas, tornou-se mais fácil e acessível baixar músicas diretamente para dispositivos portáteis ou ouvir faixas online em plataformas emergentes como o Spotify e a Apple Music. O formato MP3, ao facilitar a compressão de arquivos de áudio sem perdas significativas de qualidade, democratizou o acesso à música digital e incentivou o

compartilhamento de conteúdos, o que, por sua vez, impulsionou o consumo de áudio via internet (Bennett, 2020). Essa transformação no comportamento de consumo abriu caminho para a criação de novos formatos de mídia sob demanda.

Foi nesse contexto que, em 2004, surgiu o podcast, consolidando uma nova maneira de produzir e consumir conteúdo sonoro. Embora o termo podcasting tenha sido cunhado apenas nesse período, suas raízes remontam à década de 1990. Segundo Robinson (2018), Carl Malamud, profissional da área de tecnologia, lançou o "Internet Talk Radio" em 1993, nos Estados Unidos, distribuindo arquivos de áudio digital via internet e antecipando o conceito de conteúdo sob demanda que se tornaria a base estrutural dos podcasts.

O termo **podcast** surgiu da junção entre "iPod" (o popular tocador de MP3 da Apple) e "broadcast" (transmissão). André Lemos (2005), ao analisar o fenômeno global dos podcasts, conceitua o formato como "um sistema de produção e difusão de arquivos sonoros que guardam similitudes com o formato dos programas de rádio". Assim, embora compartilhem características com os programas radiofônicos, como a organização em episódios, abordando entrevistas, notícias, debates ou entretenimento, os podcasts diferenciam-se pela sua natureza sob demanda: são gravados e disponibilizados online, permitindo que os ouvintes escolham quando e onde desejam consumi-los, por meio de plataformas digitais de streaming ou download.

Esses arquivos sonoros podem ser produzidos de forma independente ou por grandes emissoras e, à semelhança da rádio tradicional, abordam uma variedade de temas, como cultura, esportes, tecnologia e humor. A flexibilidade e o formato sob demanda dos podcasts oferecem maior personalização e liberdade para os ouvintes, enquanto preservam a estrutura familiar dos programas radiofônicos. Sullivan (2019) ressalta que o *podcasting*³ é caracterizado pela descentralização e pela diversidade de conteúdo, destacando que a produção inicial de podcasts se baseava em um modelo que permitia a qualquer pessoa com recursos básicos criar e distribuir seus próprios programas. Essa dinâmica conferiu voz a uma ampla gama de criadores, tanto independentes quanto vinculados a grandes redes de comunicação.

³ **Podcasting** refere-se à produção e distribuição de conteúdos de áudio sob demanda pela internet, ampliando as possibilidades de acesso e consumo em comparação ao modelo tradicional de radiodifusão (Kischinhevsky, 2007).

Nos últimos anos, o podcast consolidou-se como uma evolução natural da rádio tradicional, especialmente por proporcionar maior autonomia tanto para produtores quanto para ouvintes. Bosshard et al. (2024) destacam que, ao contrário da programação fixa da rádio ao vivo, o podcast oferece liberdade de escolha em relação ao momento e ao conteúdo consumido, adaptando-se melhor às dinâmicas da vida digital contemporânea. De forma complementar, Bonini (2015) afirma que essa autonomia estende-se também à produção, permitindo que uma variedade de agentes midiáticos explore novos formatos e públicos. Assim, o podcast não apenas amplia as possibilidades da comunicação sonora, mas também reconfigura o mercado de mídia ao introduzir um modelo mais flexível, descentralizado e alinhado às práticas digitais emergentes.

A liberdade criativa no podcasting, conforme enfatiza Kischinhevsky (2007), está diretamente associada à ausência de regras rígidas que caracterizam a produção radiofônica comercial, na qual padrões de programação, duração e temáticas são frequentemente definidos pelas emissoras. No ambiente do podcast, qualquer indivíduo pode produzir e distribuir conteúdo, resultando em uma gama diversificada de formatos e estilos, que variam desde abordagens mais convencionais até propostas experimentais. Essa abertura transforma o podcast em uma mídia inclusiva e acessível, promovendo a emergência de novas vozes e discursos que dificilmente encontrariam espaço nos veículos tradicionais de comunicação.

Esse contraste com a rádio comercial também ilustra como o podcasting democratiza o acesso à produção de conteúdo, oferecendo uma plataforma onde produtores independentes podem competir diretamente com grandes empresas, sem a necessidade de grandes investimentos ou conformidade a normas estabelecidas (Kischinhevsky, 2007; Sullivan, 2020). Essas transformações, impulsionadas pela internet e pelas novas tecnologias de streaming, reconfiguraram de maneira profunda a lógica da radiodifusão tradicional, estabelecendo novas dinâmicas de produção, distribuição e consumo de conteúdo sonoro.

Esse contraste com a rádio comercial também ilustra como o *podcasting* democratiza o acesso à produção de conteúdo, oferecendo uma plataforma onde produtores independentes podem competir diretamente com grandes empresas, sem a necessidade

de grandes investimentos ou conformidade a normas estabelecidas (Kischinhevsky, 2007; Sullivan, 2020).

1.4 Da Voz Humana à Voz Digital: A Evolução da Locução na rádio

Com as transformações trazidas pela internet e pelo streaming, não apenas o formato e a distribuição do conteúdo sonoro se modificaram, mas também a própria prática da locução passou a enfrentar novas demandas. A consolidação das tecnologias digitais impulsionou uma reconfiguração profunda da voz na rádio, marcando a transição de uma presença exclusivamente humana para a emergência de vozes digitais e sintetizadas.

No dia 2 de novembro de 1920, com uma transmissão de oito horas dedicada à divulgação dos resultados das eleições presidenciais americanas, nasceu a primeira emissora de rádio profissional do mundo. Apenas três anos depois, mais de quinhentas emissoras já operavam de forma licenciada na América do Norte (Bessa, 2004). Desde seus primórdios, ficou evidente não apenas o imenso potencial comercial da rádio como meio de comunicação de massa, mas também o papel central da voz nesse processo, um elemento capaz de criar uma conexão emocional única e unir milhões de ouvintes em torno de uma mesma transmissão.

Desde suas primeiras transmissões, a rádio consolidou-se como um dos mais importantes meios de comunicação de massa. Seu impacto sobre a sociedade está intrinsecamente ligado à capacidade de atingir vastas audiências, tornando-se uma ferramenta fundamental para a disseminação de informações e o entretenimento (Meditich, 2001). Nesse contexto, a voz do locutor emergiu como elemento central, não apenas mediando as mensagens, mas também estabelecendo vínculos emocionais duradouros com os ouvintes, reforçando a identidade sonora das emissoras (Bessa, 2021).

A importância da voz na rádio vai além da mera mediação da mensagem: ela configura-se como elemento estruturante da relação entre emissora e audiência. Conforme destaca Bessa (2004), o impacto da voz na experiência radiofônica é comparável ao da imagem na televisão, pois cria uma conexão íntima e duradoura com o ouvinte. De forma complementar, Lavoine (1984) observa que a voz ocupa um lugar de privilégio na radiocomunicação, exercendo não apenas a função de estabelecer o contato inicial, mas também de sustentá-lo ao longo da transmissão.

Para compreender a centralidade da voz na rádio, é fundamental retornar às suas primeiras décadas de existência. Nesse período, a voz constituía a verdadeira alma do meio radiofônico. De acordo com José e Sergi (2021), cabia ao locutor a responsabilidade de criar imagens mentais através da entonação, do ritmo e da expressividade da voz, transportando os ouvintes para universos sensoriais completos. Esse papel era particularmente essencial em uma época em que a rádio representava o principal canal de comunicação para milhões de pessoas, muitas das quais dependiam dessa mediação sonora para acessar a informações e entretenimento no cotidiano.

A história da rádio é marcada por momentos em que essa conexão emocional, possibilitada pela locução, foi essencial para a adaptação do meio às novas tecnologias e às demandas sociais (Prata, 2007). Era a voz do locutor que não apenas humanizava as mensagens, mas também as transformava em experiências auditivas memoráveis, consolidando a rádio como um veículo de impacto sensorial e emocional (Prata, 2007; Lopez et al., 2019).

Além de sua função narrativa, a locução na rádio assumiu um papel crucial na construção de atmosferas auditivas capazes de evocar sentimentos, estimular a imaginação e criar um senso de presença imediata. Essa força expressiva elevou a rádio ao status de um meio de comunicação de massa influente, sustentado pela potência evocativa da voz (Cordeiro, 2011). Como destaca Lavoigne (1984, p.147), "a voz é um elemento significativo para o significado da mensagem".

A capacidade única da voz humana de transmitir emoções e de criar imagens mentais no público consolidou-a como o principal recurso de comunicação na rádio. Conforme destaca Bessa (2004), o poder evocativo da voz reside na criação de representações sensoriais que abarcam aspectos táteis, olfativos e auditivos, proporcionando uma experiência imersiva aos ouvintes. Essa relação emocional entre locutor e audiência era particularmente crucial em um meio desprovido de recursos visuais, no qual a voz se transformava no elo que humanizava as mensagens (Prata, 2007; Meditsch, 2001).

Os primeiros locutores eram selecionados com extremo rigor, considerando critérios como clareza, dicção e timbre, além da habilidade de transmitir emoções de maneira eficaz. Segundo Lavoigne (1984), o domínio da palavra falada estimulava tanto a

imaginação que a ausência de elementos visuais, muitas vezes considerada uma limitação, convertia-se em uma vantagem, permitindo que a rádio explorasse amplamente a fantasia e a criatividade dos ouvintes.

O locutor, assim, desempenhava mais do que o papel de simples transmissor de informações: ele estabelecia uma conexão íntima e emocional com a audiência, atuando como a ponte entre o público e o conteúdo transmitido. De acordo com Lavoigne (1984, p.148), “todos esses processos vocais sugerem mais do que dizem; assim, a voz radiofônica aparece como veículo privilegiado de valores”.

Essas características reforçam a capacidade da locução radiofônica de construir universos sensoriais complexos para os ouvintes, mesmo na ausência de imagens. Conforme observa Meditsch (1997), a locução foi fundamental para moldar experiências auditivas que mobilizavam tanto a imaginação quanto as emoções.

A experiência de ouvir rádio é, portanto, profundamente subjetiva, capaz de provocar uma ampla gama de sensações e sentimentos, variando conforme cada indivíduo. A combinação de voz, música e conteúdo criava uma atmosfera singular, ressoando de maneiras distintas em cada ouvinte, o que fez da rádio um meio íntimo e emocionalmente poderoso. Esse aspeto íntimo refletia-se na maneira como os locutores estabeleciam uma relação de confiança e familiaridade com a audiência, transformando a rádio em um meio de comunicação pessoal, onde o ouvinte se sentia diretamente envolvido pela voz que o acompanhava (José & Sergl, 2021; Bessa, 2010).

No entanto, com as evoluções tecnológicas, a rádio passou por transformações consideráveis que afetaram diretamente a prática da locução. Essas mudanças moldaram novas formas de produção e receção de conteúdo radiofônico, alterando a dinâmica entre locutores e audiência. Conforme destaca Meditsch (1997), a interação entre a cultura letrada e as formas de oralidade mediadas pela rádio influencia profundamente como o conhecimento é transmitido e recebido, reconfigurando a função dos locutores nesse processo. Ao simplificar e tornar mais acessível o conhecimento originalmente escrito, a rádio possibilitou a democratização da informação para audiências mais amplas, tornando o consumo de conteúdo mais imediato e natural.

1.5 Locução e o digital

Ao enfrentar os desafios impostos pela revolução digital, o locutor tradicional, que antes dominava a cena radiofônica, viu-se obrigado a adaptar suas práticas às novas demandas de um público cada vez mais habituado a consumir conteúdo de maneira personalizada e sob demanda. A ascensão de mídias digitais, como streaming e podcasts, redefiniu os padrões de produção e recepção no setor. Conforme descrevem O'Donnell, Benoit e Hausman (1990), embora a produção de rádio moderna continue a utilizar elementos sonoros que definem a identidade das estações, os métodos evoluíram para atender às expectativas contemporâneas, preservando o compromisso fundamental de criar uma experiência auditiva envolvente e relevante para as audiências atuais.

Essa mudança é evidente quando consideramos o impacto da era digital, que, segundo Paula Cordeiro (2011), expandiu as possibilidades de interação com a audiência e introduziu novos desafios para os locutores, como a necessidade de adaptar-se a plataformas e formatos diversos, desde transmissões tradicionais até podcasts e streaming online. Enquanto isso, Eduardo Meditsch (1997) diz que a transição da rádio para a era digital não apenas influenciou a forma de produção e disseminação do conteúdo, mas também intensificou a relação entre tecnologia e práticas culturais no jornalismo, o que por sua vez, impacta diretamente a profissão dos locutores. Essa interação contínua com novas tecnologias desafia os locutores a inovar e se adaptar, mantendo a relevância da rádio como meio de comunicação fundamental na era digital. Adaptar-se tornou-se, assim, uma condição essencial para a sobrevivência da prática radiofônica na era digital.

Nesse novo contexto, o papel do locutor se diversificou. Agora, além de transmitir informações, ele precisa lidar com uma audiência que tem acesso a múltiplas plataformas e formas de consumir conteúdo. José e Serigl (2021) afirmam que a voz, que sempre foi o elemento central da radiodifusão, ainda ocupa um lugar de destaque, mas agora é acompanhada de algoritmos que organizam vastas quantidades de dados, permitindo maior precisão e personalização na entrega de conteúdo ao ouvinte.

Adicionalmente, a convergência com outras plataformas, como a internet e os podcasts, transformou o modo como os locutores interagem com seu público. Os podcasts, por

exemplo, trouxeram uma nova dinâmica à locução, permitindo uma personalização maior do conteúdo e uma flexibilidade quanto ao tempo e local de escuta (Cordeiro, 2011).

Nesse novo contexto, a locução precisa ser ainda mais envolvente, já que o ouvinte possui à disposição uma vasta gama de opções de conteúdo, aumentando a concorrência entre os meios tradicionais e as novas plataformas digitais (Meditich, 1997). Essa ampliação da concorrência estimula não apenas a inovação nas plataformas, mas também a excelência na prática da locução.

A evolução da locução de rádio, da era analógica para a digital, demonstra, assim, a notável capacidade de adaptação desse meio e, principalmente, o poder da voz como uma ferramenta de comunicação que resiste ao tempo (José & Sergl, 2021). Apesar das inovações que transformaram o cenário da radiodifusão, a essência da locução — a criação de laços emocionais entre voz e ouvinte — permanece intacta e vibrante. Criar uma conexão emocional e imaginativa entre o locutor e o ouvinte continua a ser a base da comunicação radiofônica, sendo um vínculo essencial entre a rádio e sua audiência. Este vínculo é facilitado pela natureza única da rádio, que, como destaca Meditsch (1997), permite ao locutor criar imagens mentais ricas e tridimensionais, engajando o ouvinte de maneira profundamente pessoal e emocional. Nesse sentido, a locução continua a ser o ponto focal da programação, mesmo com o advento de tecnologias que automatizam processos. Essa combinação de inovação e tradição assegura que a rádio permaneça um meio acessível e eficaz em diversas partes do mundo.

1.6 A voz como marca de credibilidade



Figura 1

Primeira página do jornal O GLOBO de 31 de outubro de 1938.

Fonte: Acervo O GLOBO.

O poder da voz na rádio foi dramaticamente demonstrado em 1938, durante a transmissão da adaptação de *A Guerra dos Mundos*, dirigida por Orson Welles. Segundo Affonso (2016), a emissão causou pânico generalizado entre diversos ouvintes que acreditaram estar testemunhando uma invasão alienígena real. Este episódio sublinha a influência que a locução pode exercer sobre a audiência, especialmente quando a voz é carregada de seriedade e credibilidade. A performance vocal de Welles, marcada por gravidade e persuasão, foi crucial para envolver o público, principalmente ao ser combinada com efeitos sonoros realistas e o formato jornalístico do programa. Esses elementos ampliaram o impacto da transmissão e moldaram de forma decisiva a percepção pública. Trata-se de um exemplo emblemático de como a narrativa oral, aliada à força da voz, pode se transformar em uma poderosa ferramenta de comunicação de massa.

Após episódios como a transmissão de *A Guerra dos Mundos*, a rádio consolidou ainda mais seu papel como meio confiável de comunicação de massa. Especialmente entre as décadas de 1950 e 1970, a rádio continuou a desempenhar um papel central na comunicação, consolidando-se como uma importante ferramenta para a disseminação de informações e entretenimento. Nesse período, a voz dos locutores adquiriu um novo status, sendo fundamental para transmitir informações com clareza e credibilidade, reafirmando o papel da rádio na formação da opinião pública e no contexto social e cultural da época (Ferreira, 2013). A transmissão ao vivo de notícias urgentes exigia que o locutor transmitisse seriedade, confiança e credibilidade, moldando assim a percepção do ouvinte. José e Sergl (2021) afirmam que a presença da voz é um elemento primordial na construção da credibilidade do conteúdo, enfatizando que o tom, o ritmo e a dicção do locutor influenciavam diretamente a confiança que os ouvintes depositavam na informação transmitida.

Ao longo das décadas, à medida que a programação radiofônica se diversificava, a voz do locutor também se adaptava a diferentes estilos e gêneros. O surgimento de emissoras voltadas para o entretenimento e a cultura popular impulsionou o desenvolvimento de locuções mais descontraídas e próximas do público. De acordo com Meditsch (1997), a rádio soube adaptar-se aos novos tempos sem perder sua essência, refletindo como os locutores passaram a assumir múltiplos papéis, indo além da simples transmissão de notícias para atuar como facilitadores de discussões, debates e momentos de entretenimento.

Com a chegada da internet e a digitalização do conteúdo, novos desafios surgiram para a locução. Formatos como podcasts e streaming não apenas ampliaram o alcance da voz, mas também transformaram as expectativas da audiência, que passou a buscar uma comunicação mais personalizada e autêntica. Bessa (2004) observa que, no ambiente digital, a voz carrega um novo nível de exigência: além de transmitir confiança, ela deve soar acessível, próxima e identificável, redefinindo os parâmetros tradicionais de credibilidade na comunicação oral.

Assim, a autenticidade e a originalidade das vozes na rádio tornaram-se ainda mais valorizadas, e a locução humana continuou a desempenhar um papel fundamental na

criação de um vínculo emocional com o público, mesmo frente ao surgimento de novas tecnologias como a inteligência artificial e a sintetização de vozes (José & Sergl, 2021).

Nesse cenário de transformação tecnológica, a voz humana permanece como um símbolo de autenticidade, proximidade, confiança e, principalmente, credibilidade, qualidades que, mesmo diante das inovações mais avançadas, continuam sendo insubstituíveis para construir uma comunicação genuína e emocional com o público.

1.7 Introdução à inteligência artificial e suas principais aplicações na rádio.

Embora a voz humana continue a ocupar um lugar central na comunicação radiofônica, as rápidas transformações tecnológicas trouxeram novos protagonistas para esse cenário. Entre eles, destaca-se a inteligência artificial (IA), cuja introdução vem redesenhando as práticas de produção, locução e interação com o público nas rádios contemporâneas. A seguir, exploraremos o conceito de IA e suas principais aplicações no universo da radiodifusão.

Como explorado anteriormente, a história da rádio é marcada por sucessivas transformações tecnológicas que moldaram sua evolução, do surgimento do transistor ao advento dos podcasts. Ao longo das décadas, a modernização das ferramentas de transmissão, como a substituição das cartuchearias tradicionais pelos arquivos digitais em MP3, automatizou tarefas e otimizou a dinâmica dos estúdios, enriquecendo o trabalho dos comunicadores (Cordeiro, 2011). Nesse contínuo processo de inovação, a inteligência artificial desponta como um novo divisor de águas, prometendo redefinir ainda mais profundamente as práticas de produção e interação na radiodifusão contemporânea.

Como destacou Bill Gates (2023, parágrafo 9), "O desenvolvimento da IA é tão fundamental quanto a criação do microprocessador, do computador pessoal, da Internet e do telefone celular. Isso mudará a maneira como as pessoas trabalham, aprendem, viajam, recebem cuidados de saúde e se comunicam umas com as outras." Essa afirmação reforça o caráter disruptivo da IA, cuja aplicação na radiodifusão promete transformar práticas consolidadas e abrir novas possibilidades de interação com o público.

Antes de aprofundarmos a aplicação da inteligência artificial (IA) na radiodifusão, é fundamental compreender melhor essa tecnologia que vem revolucionando diversas

áreas da sociedade contemporânea. De acordo com Bill Gates (2023, parágrafo 16), "tecnicamente, o termo inteligência artificial refere-se a um modelo criado para resolver um problema específico ou fornecer um determinado serviço." Complementando essa perspectiva, Russell e Norvig (2021) definem a IA como "o estudo de agentes que recebem percepções do ambiente e realizam ações." Essas concepções reforçam o entendimento de que a IA atua de forma orientada para a solução de problemas, operando com autonomia a partir da análise do contexto em que está inserida. De acordo com Fernandes (2008), a inteligência artificial é uma área da ciência da computação voltada para o desenvolvimento de sistemas capazes de exibir características associadas à inteligência humana, como a compreensão da linguagem, o aprendizado, o raciocínio e a resolução de problemas. Essa concepção amplia o escopo da IA, permitindo sua aplicação em uma variedade de campos, desde a automação industrial até assistentes virtuais. Essas capacidades, quando aplicadas à radiodifusão, impulsionam inovações como a geração automática de conteúdos, a personalização de programações e o surgimento de locutores de IA, transformando profundamente o panorama da comunicação sonora (Kumari & Prakash, 2024).

A aplicação da inteligência artificial no ambiente radiofônico já é uma realidade consolidada em diversas frentes de atuação. De acordo com Kumari e Prakash (2024), a automação proporcionada pela IA tem transformado as operações das emissoras, permitindo a geração automática de conteúdo, a programação dinâmica de faixas musicais e a inserção automatizada de anúncios. Paralelamente, tecnologias de personalização impulsionadas por algoritmos de aprendizado de máquina, como descrito por Davies (2023), permitem que as rádios ajustem sua programação de acordo com as preferências e comportamentos da audiência, ampliando o engajamento e a fidelização do público. Além disso, os avanços na síntese de voz têm possibilitado a criação de locutores artificiais capazes de narrar notícias, apresentar programas e interagir com os ouvintes de forma naturalizada (Berdasco et al., 2019).

Essas inovações representam não apenas a modernização do ambiente radiofônico, mas também uma redefinição do papel tradicional do locutor. A inteligência artificial, ao ser aplicada à radiodifusão, permite a geração automática de conteúdos, a personalização de programações e o surgimento de locutores de IA, transformando profundamente o

panorama da comunicação sonora e introduzindo novas dinâmicas de produção e consumo de conteúdo (Kumari & Prakash, 2024).

Assim, a incorporação da inteligência artificial nas práticas de radiodifusão não apenas amplia a eficiência operacional das emissoras, mas também redefine o papel da locução e a forma como o conteúdo é produzido, distribuído e consumido. Segundo Hohenstein et al. (2023), a integração de tecnologias baseadas em IA remodela a comunicação humana, impactando diretamente a forma como as mensagens são estruturadas e recebidas pelo público. Ao integrar automação, personalização e síntese de voz, a IA transforma a experiência radiofônica, exigindo dos profissionais novas competências e uma constante adaptação às tecnologias emergentes (Kumari & Prakash, 2024). Esse movimento, embora impulse inovações importantes no setor, também levanta importantes questões sobre autenticidade, vínculo emocional e preservação da identidade radiofônica, temas que serão explorados no próximo tópico.

1.8 IA: Automação, desafios e oportunidades na rádio.

Na radiodifusão contemporânea, a inteligência artificial está desencadeando uma transformação profunda nas práticas tradicionais. Tecnologias como a síntese de voz e os algoritmos de *machine learning*⁴ vêm automatizando funções historicamente desempenhadas por profissionais humanos, incluindo a geração de conteúdo, a programação musical e a locução (Stryker & Kavlakoglu, 2024). Essa tendência reflete o progresso acelerado da IA em diversas áreas, evidenciado por marcos como o programa AlphaGo, desenvolvido pela DeepMind (subsidiária do Google), que em 2016 derrotou o campeão mundial de Go, Lee Sedol. Esse feito histórico demonstrou que a IA é capaz de replicar processos complexos de tomada de decisão, anteriormente considerados exclusivos da intuição humana (Metz, 2016), sinalizando o seu potencial disruptivo também no universo da radiodifusão.

⁴Machine Learning (aprendizado de máquina) é um ramo da inteligência artificial que consiste em treinar algoritmos para identificar padrões em dados e realizar previsões ou tomar decisões sem serem explicitamente programados para cada tarefa (Goodfellow, Bengio, & Courville, 2016).

Uma aplicação importante da IA na radiodifusão está na análise de dados de audiência e no ajuste automático da programação. De acordo com o jornalista Helder Sequeira em seu artigo para o jornal *O Interior*, "Através de algoritmos e modelos automatizados, a IA tem a capacidade de proceder à análise de uma enorme quantidade de informação, identificando padrões e desencadeando, conseqüentemente, procedimentos adequados" (Sequeira, 2023, para. 2). Ou seja, ferramentas baseadas em IA podem analisar padrões de escuta e visualização em tempo real, ajustando a programação automaticamente para corresponder às preferências do público.

Essa capacidade da inteligência artificial tem permitido que plataformas de conteúdo ajustem suas programações para atender o público de forma mais precisa. No contexto do streaming, algoritmos baseados em aprendizado de máquina analisam padrões de comportamento dos usuários para recomendar playlists personalizadas, promovendo maior engajamento (Chung, Guo, & Lee, 2024). Na radiodifusão, sistemas de recomendação baseados em impressões digitais de áudio aprendidas por redes neurais profundas têm sido aplicados para adaptar a programação musical ao gosto dos ouvintes, contribuindo para uma experiência mais cativante (Langer et al., 2020).

Outro aspecto relevante é que o aprendizado de máquina permite prever comportamentos futuros de audiência com base no histórico de consumo de conteúdo, proporcionando informações valiosas para as emissoras que dependem de dados precisos para decisões estratégicas (Chung, Guo, & Lee, 2024; Langer et al., 2020).

Nesse sentido, a utilização da inteligência artificial por grandes emissoras já é uma realidade, como é o caso da BBC. Segundo Davies (2023), as ferramentas de IA têm sido aplicadas para otimizar fluxos de trabalho e aprimorar a análise de dados, possibilitando experiências mais personalizadas para os espectadores.

A automação também chegou à área da produção e edição de conteúdo. Softwares baseados em inteligência artificial são capazes de editar áudios e vídeos automaticamente, utilizando parâmetros pré-definidos para otimizar o processo. Essa aplicação de IA na criação de conteúdos multimídia já vem sendo estudada como uma tendência estratégica para plataformas de streaming e emissoras tradicionais, visando

umentar a eficiência e a personalização do material produzido (Chung, Guo, & Lee, 2024; Langer et al., 2020).

Emissoras como a BBC já fazem uso de algoritmos de inteligência artificial para gerenciar grandes volumes de dados audiovisuais. Rhodri Talfan Davies, diretor de nações da BBC, afirma que a IA generativa oferece uma oportunidade significativa para a BBC ampliar a sua missão, ajudando as suas equipes a trabalharem de maneira mais eficaz e eficiente em várias áreas, incluindo fluxos de trabalho de produção e operações administrativas (Davies, 2023).

No entanto, ao mesmo tempo que impulsiona a inovação, a integração da inteligência artificial na radiodifusão também levanta importantes desafios, especialmente em relação à ética e ao futuro da profissão de locutor e comunicador.

O efeito da automação no mercado de trabalho tem sido uma questão central nas discussões sobre o futuro do emprego, especialmente com os progressos recentes nas tecnologias de inteligência artificial e aprendizado de máquina. Segundo Frey e Osborne (2013, p. 5), "baseando-se nos desenvolvimentos recentes nas Ciências da Engenharia, e, em particular, nos avanços nos campos de aprendizado de máquina, incluindo Mineração de Dados, Visão Computacional, Estatísticas Computacionais e outros subcampos da Inteligência Artificial, bem como na robótica, derivamos dimensões adicionais necessárias para entender a suscetibilidade dos empregos à automatização". Essa análise destaca que, embora a tecnologia permita a automatização de diversas atividades, o processo de automação é complexo e depende de uma série de fatores técnicos, econômicos e sociais.

Frey e Osborne (2013) apontam que a decisão de automatizar tarefas envolve mais do que a viabilidade técnica; as empresas também consideram fatores como os custos de implementação, a demanda por inovação, e o impacto na força de trabalho.

Além disso, muitas das ocupações mais suscetíveis à automação são aquelas que envolvem tarefas repetitivas e padronizáveis, enquanto atividades que exigem criatividade, interação humana e tomada de decisão complexa tendem a ser menos vulneráveis. Assim, a adoção de tecnologias avançadas, como a robótica e o aprendizado de máquina, pode tanto substituir empregos existentes quanto gerar novas oportunidades de trabalho em setores complementares (Frey & Osborne, 2013).

Portanto, embora a IA represente uma poderosa ferramenta para a modernização da radiodifusão, seu impacto sobre o mercado de trabalho e sobre as práticas tradicionais exige uma análise cuidadosa, a fim de equilibrar inovação tecnológica e responsabilidade social.

1.9 Vozes Artificiais e Locutores de IA

O surgimento de vozes sintéticas cada vez mais naturais marca um dos desenvolvimentos mais impactantes da inteligência artificial na comunicação sonora. Modelos avançados de síntese de voz estão desafiando as fronteiras tradicionais da locução, ao criar locutores virtuais capazes de replicar características humanas como entonação, ritmo e emoção (Stryker & Kavlakoglu, 2024). Essa evolução tecnológica não apenas amplia as possibilidades de produção no rádio e no podcast, mas também suscita debates fundamentais sobre autenticidade vocal, identidade profissional e o futuro da locução diante da automação.

A incorporação de vozes artificiais nos ambientes sociais contemporâneos representa um fenômeno tecnológico e comunicacional em expansão. Dispositivos como assistentes virtuais — Siri, Alexa e Google Assistant — exemplificam a integração da síntese de voz naturalizada nas rotinas diárias, promovendo a personalização e a eficiência das interações digitais. Segundo Luger (2015), os assistentes virtuais marcam uma nova era de interação homem-máquina, ao oferecerem interfaces baseadas em linguagem natural, capazes de compreender comandos e responder de forma quase humana. Conforme apontado por Stryker e Kavlakoglu (2024), o aprimoramento da expressividade e da naturalidade dessas vozes impulsionou sua aceitação popular, ultrapassando a percepção inicial de artificialidade. Para Hohenstein et al. (2023), essas tecnologias não apenas modificam padrões de consumo de informação, mas também provocam reconfigurações nas práticas linguísticas e nas dinâmicas sociais, sinalizando um reposicionamento da comunicação humana no contexto da inteligência artificial.

A evolução em inteligência artificial, especialmente no campo do aprendizado de máquina e das redes neurais profundas, têm possibilitado a criação de vozes sintéticas com qualidade cada vez mais próxima das vozes humanas. Modelos como o WaveNet,

desenvolvido pela DeepMind⁵, demonstraram a capacidade de gerar fala naturalizada, tornando a síntese de voz uma opção viável e realista para aplicações de locução e comunicação automatizada (van den Oord et al., 2016)

Para compreender plenamente o estado atual de desenvolvimento das vozes sintéticas, com tecnologias altamente avançadas como WaveNet e assistentes virtuais —, é fundamental revisitar as origens dessa trajetória tecnológica. A busca por reproduzir a fala humana mecanicamente remonta ao século XVIII. O primeiro estudo sobre síntese de voz foi realizado em 1779 por Christian Gottlieb Kratzenstein, que inventou um instrumento baseado em palhetas vibrantes e fluxo de ar constante para simular os sons da fala (Albuquerque, 2001). Embora suas descobertas estivessem distantes das tecnologias digitais modernas, como os sistemas de Text-to-Speech (TTS) atuais, o trabalho de Kratzenstein representou um marco importante para o desenvolvimento da fonética experimental e para a compreensão dos mecanismos acústicos que sustentam a fala humana.

A partir das primeiras experiências mecânicas com a reprodução da fala, as vozes sintetizadas evoluíram inicialmente como uma solução tecnológica voltada para a leitura de textos, particularmente para atender pessoas com deficiência visual (Dutoit, 1997). Com o avanço das tecnologias de processamento de linguagem natural (PLN), essas vozes rapidamente encontraram aplicação em plataformas de mídia, como a rádio. Braga (2008) explica que o desenvolvimento de algoritmos de PLN tornou possível a criação de vozes sintetizadas cada vez mais naturais e adequadas para a comunicação profissional. Essa evolução permitiu que a inteligência artificial se adaptasse melhor ao contexto da locução, facilitando sua integração nas emissoras de rádio e tornando a locução automatizada uma realidade (Braga, 2008).

Os progressos mais recentes em inteligência artificial permitiram que a locução automatizada se tornasse uma realidade prática, especialmente em rádios musicais. Lopez, Resende e Borges (2019) observam que o uso de vozes sintetizadas tem transformado o mercado radiofônico, permitindo a automação de programas e de

⁵ WaveNet é um modelo de rede neural desenvolvido pela DeepMind em 2016, capaz de gerar formas de onda de áudio de alta qualidade, aproximando-se da naturalidade da voz humana. A tecnologia revolucionou a síntese de fala ao utilizar redes neurais profundas para prever amostras de áudio diretamente, resultando em um som mais fluido e realista (van den Oord et al., 2016).

anúncios gravados, o que otimiza a operação das emissoras. Complementando essa evolução tecnológica, Teixeira et al. (2020) discutem como a aplicação de modelos articulatórios na síntese de voz, que imitam as características físicas do aparelho fonador humano, contribui para a geração de uma fala mais natural e envolvente.

Dando continuidade a essa transformação no setor radiofônico, o uso de vozes artificiais na locução não se limita apenas à automação de programas e anúncios. Segundo Braga (2008), a automação da locução, viabilizada por tecnologias de síntese de voz, tem permitido que rádios operem de maneira mais econômica, reduzindo a necessidade de locutores humanos para horários de menor audiência. Além disso, Lopez, Resende e Borges (2019) destacam que as vozes sintéticas possibilitam a criação de programações contínuas, sem interrupções, adaptáveis a diferentes estilos de emissoras e preferências de público. A aplicação de sistemas de processamento de linguagem natural (PLN) associada à síntese articulatória, como aponta Teixeira et al. (2020), permite a produção de enunciados mais naturais e contextuais, adequando o tom, a velocidade e a entonação ao conteúdo veiculado. Essa combinação de recursos tem consolidado a utilização de locutores artificiais não apenas como uma solução técnica, mas também como uma estratégia de mercado para otimizar operações, segmentar públicos e ampliar a competitividade no cenário da radiodifusão contemporânea.

Apesar dos benefícios tecnológicos, a adoção de vozes sintetizadas na rádio levanta importantes questões éticas. Hohenstein et al. (2023) apontam que o uso de inteligência artificial na comunicação pode modificar a forma como as pessoas percebem umas às outras, especialmente quando interações automatizadas são interpretadas de maneira negativa. No contexto radiofônico, essa percepção pode comprometer a autenticidade da locução e enfraquecer a conexão emocional tradicionalmente estabelecida entre o locutor e sua audiência. Além disso, Braga (2008) alerta para o impacto potencial da substituição de locutores humanos por vozes artificiais, suscitando preocupações quanto à preservação dos postos de trabalho no setor da radiodifusão.

Além da geração de vozes sintéticas naturais, um passo recente e polêmico é o desenvolvimento do *voice cloning*,⁶ tecnologia capaz de replicar com alta precisão a voz de qualquer pessoa a partir de poucos segundos de gravação. Essa inovação, apesar de trazer oportunidades para a personalização da locução e para a preservação de vozes históricas, também levanta sérias questões éticas sobre autenticidade e consentimento. Westerlund (2019) destaca que a clonagem vocal, se utilizada sem regulação adequada, pode comprometer a confiança nas mídias sonoras, promovendo desinformação ou mesmo manipulação de conteúdos. Nesse contexto, surgem novos desafios para a radiodifusão, que precisará equilibrar o uso dessas tecnologias com princípios de transparência e respeito à identidade vocal.

Diante desses desafios éticos, torna-se necessário refletir sobre como a inteligência artificial pode ser integrada de maneira equilibrada à prática da locução, preservando as qualidades humanas que tornam a rádio um meio singular.

O futuro da locução de rádio parece se direcionar para uma combinação entre vozes humanas e sintetizadas. Teixeira et al. (2020) sugerem que as ferramentas de IA podem complementar o trabalho dos locutores humanos, automatizando tarefas repetitivas, enquanto os locutores preservam o toque humano necessário para manter a conexão emocional com a audiência (Teixeira et al., 2020). No entanto, será fundamental encontrar um equilíbrio entre automação e a presença humana para que a rádio continue sendo um meio autêntico e emocionalmente envolvente.

O progresso da inteligência artificial no setor de radiodifusão tem possibilitado a criação de locutores virtuais, capazes de desempenhar funções tradicionalmente associadas aos profissionais humanos. Como aponta Alves (2023), as tecnologias emergentes estão redefinindo os processos de produção de conteúdo nas mídias tradicionais, impulsionando a automação e a personalização dos serviços. Exemplificando essa tendência, a empresa Futuri lançou, em 2023, a plataforma RadioGPT, que combina a tecnologia GPT-3 com sistemas de inteligência artificial para criar locutores virtuais que

⁶ *Voice cloning* refere-se à tecnologia de inteligência artificial capaz de replicar características específicas da voz humana, como timbre, entonação e ritmo, a partir de amostras gravadas. Essa técnica permite a criação de vozes sintéticas altamente realistas, utilizadas em diversas aplicações, desde assistentes virtuais até produções audiovisuais. No contexto da radiodifusão, o *voice cloning* levanta questões éticas sobre autenticidade, consentimento e direitos de imagem sonora (Westerlund, 2019).

apresentam programas completos, geram conteúdos hiperlocalizados e interagem com o público. Empresas como Alpha Media e Rogers Sports & Media já adotaram essa tecnologia em suas emissoras, ilustrando a crescente integração de locutores de IA no mercado radiofônico (Venta, 2023).

Segundo Kumari e Prakash (2024), a incorporação de tecnologias de inteligência artificial nos veículos de mídia tem promovido a automação de processos editoriais e a personalização de conteúdos, redefinindo práticas tradicionais de produção e distribuição de informação. Expandindo essas possibilidades no setor de radiodifusão, a RadioGPT utiliza a tecnologia GPT-3 em conjunto com sistemas de monitoramento em tempo real, como o TopicPulse, para criar locutores virtuais altamente adaptáveis. Por meio da análise contínua de redes sociais e fontes de notícias locais, o sistema identifica os temas mais relevantes para o público de uma área específica, transformando essas informações em roteiros falados por locutores de IA. Essa abordagem permite a geração de conteúdos hiperlocalizados, ajustáveis a diferentes dialetos e vozes personalizadas, ampliando a capacidade das emissoras de oferecer programações mais dinâmicas e direcionadas (Venta, 2023).

O sucesso da RadioGPT evidencia como a inteligência artificial tem expandido as possibilidades de produção automatizada de conteúdo no setor radiofônico, abrangendo não apenas a criação de falas para transmissão ao vivo, mas também a geração de blogs, posts em redes sociais e podcasts (Venta, 2023). De acordo com Kumari e Prakash (2024), a aplicação de IA em rádios contribui para a personalização do conteúdo e para a otimização dos processos de comunicação, favorecendo uma aproximação mais eficiente com o público. Exemplificando essa tendência, grupos como Alpha Media e Rogers Sports & Media participaram da fase beta da RadioGPT, demonstrando o potencial da tecnologia em oferecer conteúdo local hipersegmentado e disponível em múltiplos idiomas, como inglês, espanhol e francês.

Segundo Daniel Anstandig, CEO da Futuri Audio, a RadioGPT foi desenvolvida com o objetivo de "salvar a rádio", oferecendo uma solução que alia automação à personalização do conteúdo (Anstandig, 2024). De acordo com o autor, a aplicação da inteligência artificial na criação e gestão de programação permite às emissoras reduzir custos

operacionais, já que a IA pode gerar parte ou mesmo a totalidade do conteúdo transmitido, otimizando as operações e ampliando a eficiência das empresas de radiodifusão.

A adoção de locutores de inteligência artificial pelas estações de rádio, especialmente para horários de menor audiência, reflete uma tendência crescente de automação na indústria. Conforme analisa McLane (2023), embora essas tecnologias possam aumentar significativamente a eficiência operacional das emissoras, elas também suscitam preocupações quanto ao impacto sobre a força de trabalho tradicional do setor. O autor destaca que sistemas como a RadioGPT, ao combinar geração de linguagem natural, síntese de voz e mecanismos de descoberta de conteúdo, permitem não apenas a criação de programas autônomos, mas também a replicação de características vocais de locutores humanos, intensificando o debate sobre a substituição de profissionais e a preservação da identidade radiofônica.

McLane (2023) também discute a implementação de tecnologias de inteligência artificial por empresas como Alpha Media e Rogers Sports & Media, que estão explorando maneiras de integrar essas soluções às suas operações, apesar das preocupações com o impacto sobre a força de trabalho. Executivos do setor, como Daniel Anstandig, CEO da Futuri, defendem que a IA pode reforçar a personalização e a relevância local do conteúdo radiofônico. Já Sean King, da Veritone, compara a adoção da inteligência artificial na rádio à mecanização da agricultura, argumentando que a tecnologia contribui para aumentar a eficiência, mas não substitui integralmente o elemento humano no processo de comunicação.

O uso de locutores de inteligência artificial nas rádios reflete uma tendência crescente de automação voltada à eficiência e à redução de custos no setor de comunicação. De acordo com Kumari e Prakash (2024), a adoção de tecnologias de IA em ambientes de mídia visa não apenas otimizar operações, mas também garantir a continuidade dos serviços de maneira sustentável. Exemplos concretos dessa integração já podem ser encontrados em estações que buscam combinar eficiência operacional com manutenção da qualidade da programação, como o "A.I. Liam Jones", apresentador de uma rádio de rock clássico em Indiana, e a "A.I. Alley", locutora virtual de uma rádio CHR em Michigan (ZY Digital, n.d.).

Além de automatizar a locução, a inteligência artificial também contribui para fortalecer a presença digital das emissoras. Ferramentas de IA são utilizadas para gerar conteúdos complementares, como posts em redes sociais e atualizações de blogs, relacionados às transmissões ao vivo, o que permite manter o engajamento com a audiência mesmo fora dos horários tradicionais de pico (Kumari & Prakash, 2024; Ang & Law, 2024).

A empresa alemã Antenne Deutschland seguiu o mesmo caminho e lançou a Absolut Radio IA, que agora se junta a outras emissoras digitais do grupo. Tina Zacher, diretora de programação da Antenne Deutschland, afirmou em entrevista à *Radio World* que “há tarefas que você ama, mas há muitas outras que você odeia fazer repetidamente todos os dias. Agora temos IA para fazer essas tarefas, deixando-nos mais tempo para criar. Mas não acho que a IA substituirá os apresentadores de rádio nos próximos 10 anos” (McLane, 2023)

Muito recentemente, O RAiDiO.FYI, lançado por Will.i.am, mostrou uma inovação no uso de inteligência artificial na rádio. Ao contrário das plataformas tradicionais, a app utiliza IA para criar avatares interativos que atuam como curadores musicais, oferecendo recomendações personalizadas com base nas preferências dos usuários. Essa integração da IA na rádio permite que os avatares respondam a perguntas sobre músicas e forneçam informações culturais em tempo real, aproximando a experiência de uma conversa ao vivo com um apresentador (McLane, 2023).

Além de facilitar a descoberta de novos artistas por meio da curadoria automatizada, o uso da IA no RAiDiO.FYI redefine o papel do locutor na rádio. Com vozes e personalidades distintas, os avatares de IA proporcionam uma experiência interativa e dinâmica, mostrando como a IA pode preencher lacunas em horários de menor audiência e oferecer uma experiência personalizada, sem comprometer a qualidade da transmissão (McLane, 2024).

A integração da inteligência artificial na locução de rádio representa um ponto de inflexão importante para o setor, desafiando paradigmas tradicionais de produção e interação. A adoção de sistemas automatizados não apenas transforma os processos internos das emissoras, ao otimizar a operação e reduzir custos, mas também altera profundamente a dinâmica da relação entre locutores e audiência, introduzindo formas de mediação

comunicativa mais programadas e menos espontâneas. McLane (2023) ressalta que, embora a automação traga ganhos de eficiência, ela também levanta preocupações sobre a preservação da autenticidade e da conexão emocional, elementos historicamente centrais para a experiência radiofônica.

Outro ponto importante é abordado por O'Donnell, Benoit e Hausman (1990), que discutem em *Modern Radio Production* o papel da produção de rádio em criar efeitos e envolver os ouvintes. Eles afirmam que “o sucesso da rádio depende da capacidade de criar uma 'atmosfera sonora' que mantenha os ouvintes conectados emocionalmente” (O'Donnell et al., 1990, p. 3). Esse conceito é essencial quando pensamos no impacto da IA na locução, pois, mesmo com as evoluções tecnológicas, a presença humana e a capacidade de criar uma conexão emocional com o público são elementos que ainda se destacam na rádio moderna.

Fred Jacobs, presidente da Jacobs Media, analisou em um artigo no blog da empresa os resultados da pesquisa TechSurvey 2024, com destaque para as percepções dos ouvintes em relação ao uso da inteligência artificial na rádio. Segundo Jacobs (2024), 75% dos participantes demonstraram preocupação com a substituição de locutores humanos por vozes geradas por IA, evidenciando uma resistência significativa à automação da presença humana no ar. Além disso, 39% dos entrevistados expressaram desconforto com a utilização de vozes artificiais em comerciais, e 30% relataram preocupações quanto ao uso dessas vozes até mesmo em identificações de estação. Esses dados indicam que, os ouvintes ainda valorizam a presença humana como elemento essencial na experiência radiofônica.

A recepção da tecnologia de IA na indústria de rádio também vem passando por transformações perceptíveis em eventos do setor. Durante o CRS 2024 (Country Radio Seminar)⁷, foi observado um espírito colaborativo entre os participantes, que compartilharam suas experiências iniciais com o uso da IA na programação de rádio. Conforme relatado por Jacobs (2024), houve uma mudança de postura, saindo do ceticismo para uma aceitação mais pragmática da inteligência artificial, com

⁷O Country Radio Seminar (CRS) é um evento anual realizado nos Estados Unidos, focado na indústria do rádio country, que reúne profissionais do setor para discutir tendências, estratégias de mercado e inovações tecnológicas.

reconhecimento do seu potencial para otimizar operações e enriquecer a criação de conteúdo.

Apesar da recepção mais aberta à inteligência artificial observada durante o Country Radio Seminar (CRS) 2024, persistem preocupações entre os profissionais de rádio sobre o possível mau uso dessas tecnologias e seu impacto em funções tradicionais. Essas inquietações também se refletem na base mais ampla de ouvintes, conforme apontado na pesquisa TechSurvey 2024, realizada pela Jacobs Media. De acordo com Jacobs (2024), mais de 31.000 participantes expressaram níveis variados de desconforto com aplicações de IA na rádio, especialmente em contextos onde DJs e apresentadores humanos são substituídos, evidenciando uma resistência significativa à substituição de elementos humanos pela inteligência artificial na radiodifusão.

Usar IA para substituir Comunicadores, Locutores ou DJs ao vivo é a maior preocupação para os ouvintes

"Uma das aplicações da tecnologia de IA é sua capacidade de clonar vozes - ou seja, tornar vozes artificiais humanas e/ou copiar a voz de uma personalidade familiar. Algumas estações estão pensando em como podem usar a IA no futuro. Se uma estação que você ouve usasse a tecnologia de IA para [...item...], qual das seguintes opções melhor descreve sua opinião?"

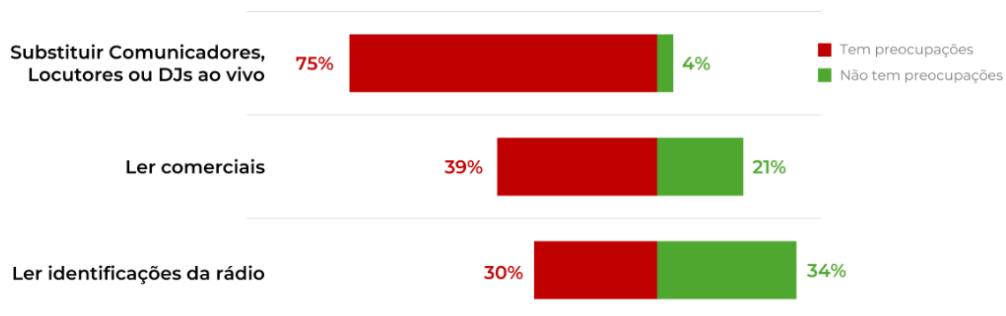


Figura 2:

Percepção dos ouvintes sobre o uso de inteligência artificial na rádio para substituir vozes humanas em diferentes contextos.

Nota. O gráfico apresenta as respostas em relação à utilização de IA para ler comerciais, anunciar o nome da estação e substituir locutores ao vivo (DJs, personalidades, hosts ou anunciantes).

Fonte: Adaptado de *What Radio Listeners Think About Stations Using AI* (Jacobs Media, 2024). Recuperado de <https://jacobsmedia.com/what-radio-listeners-think-about-stations-using-ai/>

Inovações como a clonagem de voz gerada por IA e a personalização de conteúdo estão sendo cada vez mais exploradas no setor de rádio. Empresas como o Spotify, com o projeto DJ X, um DJ virtual que interage com os usuários com base em suas preferências musicais, e a SiriusXM, com a iniciativa qd.pie — que utiliza inteligência artificial para criar playlists personalizadas e experiências de áudio sob medida —, estão liderando essas transformações. Esses desenvolvimentos demonstram que a indústria de rádio está explorando a IA não apenas para eficiência operacional, mas também como motor de inovação de conteúdo. No entanto, a aceitação e o sucesso dessas tecnologias dependem fortemente da capacidade de melhorar a experiência do ouvinte sem comprometer o toque humano, elemento fundamental para o apelo emocional da rádio (Jacobs, 2024).

O futuro da inteligência artificial na rádio parece apontar para uma integração gradual, orientada tanto pelas necessidades da indústria quanto pelas mudanças no comportamento dos ouvintes. Pesquisas de mercado, como o TechSurvey 2024 realizado pela Jacobs Media, ajudam a mapear as percepções do público em relação à adoção dessas tecnologias (Jacobs, 2024). No entanto, ainda faltam estudos acadêmicos mais abrangentes que aprofundem o impacto de longo prazo da IA no setor. Em termos de visão de futuro, Daniel Anstandig, CEO da Futuri, prevê que até 2030 a chamada "economia dos criadores de conteúdo" será amplamente reconhecida como o centro da mídia, com a inteligência artificial desempenhando um papel fundamental nessa transformação (Anstandig, 2024).

Daniel Anstandig, CEO da Futuri, sugere que a inteligência artificial não apenas transformará a maneira como os criadores de conteúdo interagem com suas audiências, mas também já está sendo utilizada para imitar vozes e manter o engajamento. Segundo ele, com a utilização transparente dessas tecnologias, o público não encontrará dificuldades em se conectar emocionalmente com locutores virtuais ou influenciadores digitais gerados por IA, prevendo que essa tecnologia terá um papel central no futuro da rádio e da mídia em geral (Anstandig, 2024). Essa perspectiva de Anstandig (2024) aponta para um cenário em que a rádio, apoiada por recursos de IA, poderá se integrar ainda mais à chamada economia criativa, explorando novas formas de engajamento, geração de conteúdo e monetização, consolidando-se como parte de um ecossistema de mídia híbrida emergente.

Embora a inteligência artificial ofereça ferramentas poderosas para automatizar tarefas repetitivas e aumentar a eficiência, questões críticas sobre a autenticidade e a conexão emocional entre locutor e ouvinte ainda permanecem. Tina Zacher, diretora de programação da Antenne Deutschland, afirmou em entrevista concedida a Paul McLane (2023) que, apesar dos avanços tecnológicos, a IA não deve substituir totalmente os locutores humanos no curto prazo, o que reforça a importância da presença humana na experiência radiofônica. Nesse cenário, a tendência é que a locução evolua para um modelo híbrido, no qual a interação entre humanos e sistemas de IA permitirá às emissoras inovar sem comprometer o vínculo emocional com a audiência.

Com base nas análises apresentadas, fica claro que a inteligência artificial, embora tenha trazido inovações consideráveis para a radiodifusão, levanta questões éticas importantes. O desafio não reside apenas na adoção das vozes sintetizadas, mas em como equilibrar eficiência e humanidade. Como apontado por Hohenstein et al. (2023), a confiança e a autenticidade permanecem no cerne da relação entre a rádio e sua audiência, e garantir que essas qualidades não sejam comprometidas será crucial para o futuro do setor. Essa preocupação já havia sido destacada por O'Donnell, Benoit e Hausman (1990), ao enfatizarem que a construção de uma atmosfera sonora emocional é fundamental para manter o envolvimento dos ouvintes. A IA oferece oportunidades para a automação de tarefas e a personalização de conteúdos, mas as emissoras que conseguirem preservar a conexão emocional e humana entre locutores e ouvintes continuarão a ser as mais bem-sucedidas.

As futuras pesquisas e práticas devem, portanto, concentrar-se em explorar esse equilíbrio delicado entre automação e humanidade, a fim de preservar a essência da rádio como um meio de comunicação pessoal e emocional. Em um cenário de inovação tecnológica acelerada, manter a autenticidade na experiência radiofônica não será apenas um diferencial competitivo, mas uma condição essencial para a sua relevância contínua no ecossistema midiático contemporâneo.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Como vimos no capítulo anterior, as rápidas transformações provocadas pelas tecnologias digitais na comunicação radiofônica, exigem uma escuta atenta daqueles que vivem ou já viveram a prática da locução. Diante desse cenário, a presente pesquisa tem como objetivo responder à seguinte questão de investigação: quais os efeitos da introdução de vozes sintéticas na locução de rádio? Com base nessa pergunta, todas as decisões metodológicas foram cuidadosamente delineadas para compreender, em profundidade, as percepções de profissionais da comunicação diante das transformações provocadas pela inteligência artificial na prática da locução. Para tanto, optou-se por uma abordagem qualitativa, centrada na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que permite explorar significados subjetivos, representações simbólicas e experiências individuais a partir de entrevistas com profissionais da área. Esta metodologia favorece a construção de uma análise crítica e sensível sobre um fenômeno emergente e complexo, respeitando o caráter interpretativo da investigação.

2.1. Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender, em profundidade, as percepções sobre o futuro da locução de rádio diante da incorporação da inteligência artificial. A escolha por essa metodologia se fundamenta na natureza subjetiva do fenômeno investigado, que envolve experiências individuais, sentimentos, interpretações e contextos específicos dos profissionais da área. Segundo Bardin (2011), a abordagem qualitativa permite captar significados implícitos e manifestações simbólicas que emergem das falas dos participantes, sendo, portanto, adequada para analisar discursos que envolvem representações e posicionamentos diante de transformações complexas, como é o caso da introdução da IA na locução radiofônica.

2.2. Instrumento de Coleta de Dados

Para a coleta de dados, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas, divididas em duas partes complementares. Esse formato é especialmente adequado para investigações qualitativas, pois combina a estrutura de um roteiro pré-definido com a flexibilidade necessária para que o entrevistado traga novas abordagens e reflexões espontâneas ao longo da conversa. Como destaca Bardin (2011), essa flexibilidade

permite captar a riqueza dos discursos individuais, possibilitando a emergência de sentidos não previstos inicialmente pelo pesquisador.

As entrevistas foram conduzidas remotamente, por meio da plataforma Google Meet, o que garantiu praticidade, alcance geográfico e qualidade na comunicação com os participantes. Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados, respeitando os princípios éticos da pesquisa. Posteriormente, os áudios foram transcritos com o auxílio do software Riverside Transcription, o que assegurou maior precisão e agilidade na produção do material textual que serviu de base para a análise.

A escolha dessa ferramenta se deu por sua capacidade de gerar transcrições quase em tempo real, com separação clara por falante, reconhecimento de pontuação e suporte a diferentes idiomas. Essa funcionalidade permitiu agilizar o processo de transcrição sem comprometer a fidelidade das falas, assegurando maior qualidade ao material textual utilizado na análise de conteúdo. Além disso, a interface intuitiva e a possibilidade de revisão manual facilitaram a correção de eventuais inconsistências, contribuindo para a confiabilidade dos dados.

2.3 Experiência Auditiva integrada a entrevista

Como parte do guião da entrevista semiestruturada, foi incluída uma experiência auditiva com o objetivo de explorar as percepções dos participantes acerca das diferenças entre a locução feita por inteligência artificial e a locução feita por humanos. Essa etapa prática buscou estimular a escuta crítica e ampliar o campo de observação para além das respostas verbais espontâneas.

Durante a segunda parte da entrevista, foram apresentados dois trechos de áudio com duração aproximada de 45 segundos cada. A escolha dos trechos de locução apresentados aos participantes seguiu critérios técnicos e artísticos cuidadosamente considerados, com o objetivo de garantir equivalência entre os estilos de locução humana e artificial. Ambos os áudios foram extraídos de rádios estadunidenses com perfil musical semelhante, no idioma inglês, a fim de preservar a coerência linguística e comunicativa durante a experiência auditiva. Para a locução humana, buscou-se uma emissora que apresentasse

uma dinâmica próxima à da Rádio GPT, evitando comparações desequilibradas por diferenças de estilo, gênero musical ou intensidade de locução. Inicialmente, cogitou-se a utilização da American Road Radio, por apresentar semelhanças na proposta musical; no entanto, surgiu a suspeita de que esta também estaria utilizando locução artificial, o que poderia comprometer a integridade do experimento. Diante disso, passou-se a considerar a KROQ-FM, uma rádio tradicional da Califórnia, reconhecida por seu histórico no segmento de rock alternativo e por manter locuções ao vivo. O perfil da KROQ-FM mostrou-se alinhado ao formato desejado, possibilitando uma comparação mais justa quanto à naturalidade, expressividade e envolvimento vocal.

Antes da escuta, os participantes foram convidados a informar seu nível de compreensão do idioma inglês, visto que ambos os áudios estavam nesse idioma. Durante a reprodução dos trechos, puderam fazer anotações, e, em seguida, responderam a um conjunto de perguntas abertas, divididas em blocos temáticos: experiência geral de escuta, qualidade da voz, emoção e expressividade, engajamento e credibilidade, comparação entre os trechos e reflexões sobre o futuro da locução com inteligência artificial.

As respostas foram registradas, transcritas e analisadas conforme a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), possibilitando a identificação de categorias temáticas emergentes que fundamentaram a discussão dos resultados.

2.4 Participantes da pesquisa

A amostra deste estudo foi composta por seis profissionais com experiência na área de locução de rádio, selecionados por conveniência, com base em critérios de pertinência ao objeto da investigação, trajetória profissional e disponibilidade para participação. Como destaca Bardin (2011), nas investigações qualitativas o mais relevante é a densidade e a riqueza dos discursos, sendo recomendável a escolha de participantes que possuam vivências expressivas relacionadas ao fenômeno investigado, mesmo que não representem numericamente uma população.

A escolha dos participantes foi orientada por três critérios principais: (i) experiência comprovada em locução radiofônica, seja em atividade atual ou anterior; (ii) diversidade de atuação profissional, contemplando locutores em exercício e comunicadores que,

embora tenham migrado para outras funções, mantêm vínculo com a linguagem radiofônica; e (iii) disponibilidade e interesse em participar da entrevista e da experiência auditiva proposta. Essa composição buscou garantir uma pluralidade de perspectivas, incluindo profissionais de diferentes gerações e áreas da comunicação.

Adicionalmente, foi considerado o critério de equilíbrio geográfico, com a inclusão de três participantes do Brasil e três de Portugal. Essa distribuição permitiu observar possíveis variações culturais, linguísticas e mercadológicas nas percepções sobre o uso de vozes sintéticas no contexto radiofônico, enriquecendo a compreensão do fenômeno em investigação.

Dentre eles, três atuam atualmente como locutores em emissoras, enquanto os outros três possuem trajetória consolidada na locução, mas atualmente exercem funções em outras áreas da comunicação, como jornalismo, produção de conteúdo e consultoria. Essa composição foi deliberadamente planejada para contemplar tanto as percepções de profissionais que vivenciam a prática da locução no cenário atual quanto aquelas de indivíduos que, embora tenham migrado para outras funções, mantêm vínculos com a linguagem radiofônica.

Segundo Bardin (2011), em pesquisas qualitativas, a seleção intencional de participantes é fundamental quando o objetivo é captar a riqueza de experiências e significados atribuídos a determinado fenômeno. Nesse sentido, a amostragem adotada nesta pesquisa buscou representar a diversidade de trajetórias profissionais e visões sobre o impacto da inteligência artificial na locução de rádio.

2.5 Procedimentos Éticos

Todos os procedimentos éticos foram rigorosamente observados ao longo da realização desta pesquisa. Antes do início das entrevistas, os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo, a forma como os dados seriam utilizados e o seu direito de recusar ou interromper a participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. O consentimento foi registrado verbalmente e formalizado por meio de um termo de consentimento livre e esclarecido, enviado previamente a cada participante.

Nesse termo, foi solicitado de forma explícita o consentimento para a divulgação dos nomes e das profissões dos participantes, tendo em vista a relevância de suas trajetórias profissionais para a análise proposta. Todos os participantes autorizaram essa identificação, compreendendo a importância de suas contribuições para a credibilidade e profundidade do estudo.

Em consonância com Bardin (2011), que ressalta a importância do respeito à integridade dos sujeitos e à clareza ética nas pesquisas qualitativas, garantiu-se ainda que os dados fossem tratados com responsabilidade, sendo armazenados de forma segura e com acesso restrito à pesquisadora. A decisão de divulgar os nomes e profissões foi baseada na transparência, na autorização expressa e no valor analítico dessas informações para o contexto investigado.

2.6 Análise de Conteúdo

A análise dos dados coletados foi realizada por meio da técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). Essa metodologia qualitativa permite sistematizar e categorizar o conteúdo das entrevistas realizadas, estruturando informações qualitativas em categorias e padrões interpretáveis, essenciais para explorar percepções e significados atribuídos pelos entrevistados.

2.6.1 Codificação e Categorização

O processo de análise de conteúdo adotado neste estudo seguiu as etapas propostas por Bardin (2011), com foco na categorização temática como forma de organizar e interpretar os dados. O processo teve início com a definição prévia das categorias de análise, formuladas com base nos objetivos da investigação e na questão central do estudo. Essas categorias foram concebidas como dimensões analíticas fundamentais para compreender os efeitos da inteligência artificial na locução de rádio, funcionando como eixos norteadores da interpretação.

A partir dessas categorias, procedeu-se à identificação das unidades de registro, entendidas como segmentos de discurso com significância para a análise. A seleção dessas unidades foi guiada por sua relevância em relação às categorias definidas, bem como por sua capacidade de expressar percepções, experiências e posicionamentos dos

participantes diante da temática investigada. Essa abordagem metodológica visou assegurar coesão analítica e profundidade interpretativa, a fim de garantir que cada unidade de registro estivesse inserida em um contexto categorial claro e alinhado aos propósitos da investigação.

As principais categorias identificadas foram:

1. Percepções sobre a Inteligência Artificial na Locução de Rádio

1.1 Impacto da Inteligência Artificial na rádio;

1.2 Desafios e oportunidades da IA;

1.3 Vozes artificiais – vantagens e desvantagens;

1.4 Ameaça à profissão de locutor.

2. Habilidades e Competências para o Futuro

3. Futuro da Locução de Rádio

2.6.2 Análise da Experiência Auditiva

Além das percepções gerais sobre a inteligência artificial na locução, a segunda parte das entrevistas incluiu uma experiência auditiva, cujos dados também foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). As respostas dos participantes a essa etapa prática revelaram categorias específicas, relacionadas às sensações e avaliações despertadas pelos trechos de locução apresentados.

Com base nas categorias estabelecidas previamente, as falas dos entrevistados foram analisadas à luz de dois eixos principais:

1. Percepção Vocal e Expressividade

Esta categoria reúne observações relacionadas à qualidade técnica da voz (clareza, ritmo, entonação), naturalidade, emoção percebida e expressividade da locução. Os

participantes refletiram sobre como cada voz transmitia ou não emoções, como se relacionavam com o conteúdo falado e se a locução soava autêntica ou artificial.

2. Credibilidade e Envolvimento do Ouvinte

Aqui estão reunidas as impressões sobre o impacto subjetivo da voz em termos de confiança, engajamento, atenção e identificação com a locução. Os entrevistados analisaram o quanto cada voz conseguiu prender sua atenção, passar segurança e gerar conexão emocional.

As unidades de registro mais frequentes foram expressões como “voz sem emoção”, “parece natural”, “engajante”, “fiquei na dúvida”, “faltou algo”, “confiável”, “muito robótico” e “a humana tem mais calor”.

Essas categorias, definidas previamente no planejamento da pesquisa, foram posteriormente alimentadas e validadas com base nas unidades de registro identificadas nas entrevistas, como expressões do tipo “voz robótica”, “parece que tem emoção”, “a segunda voz é mais natural”, “faltou calor humano” e “a IA não engaja”, entre outras falas recorrentes dos participantes.

2.6.3 Unidades de Registro

As unidades de registro foram definidas como palavras ou expressões-chave recorrentes nas falas dos participantes. Entre elas, destacaram-se termos como “medo de perder o emprego”, “redução de custos”, “melhoria na qualidade de áudio”, “voz artificial sem emoção”, “falta conexão”, “IA como ferramenta”, “oportunidade para pequenas rádios” e “voz humana insubstituível”. Essas unidades de registro reforçaram e ilustraram as categorias analíticas previamente estabelecidas, contribuindo para a compreensão e interpretação aprofundada dos dados coletados.

2.6.4 Análise Categorical

A categorização foi orientada pelas categorias previamente definidas e fundamentada na frequência e relevância das unidades de registro identificadas nas entrevistas, que serviram como indicadores para a validação e aprofundamento analítico dessas categorias.

As categorias permitiram organizar os dados em blocos temáticos coerentes, favorecendo uma análise aprofundada e crítica sobre as percepções dos entrevistados acerca do impacto da inteligência artificial na locução de rádio.

Dessa forma, foi possível identificar tanto expectativas positivas relacionadas às oportunidades oferecidas pela IA quanto preocupações sobre seus possíveis impactos negativos, especialmente em relação à autenticidade da locução, às implicações éticas, ao futuro profissional dos locutores e à interação humana com o público.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são discutidas em profundidade as categorias obtidas a partir da análise qualitativa, com o objetivo de interpretar e contextualizar as percepções dos entrevistados sobre o impacto da inteligência artificial na locução de rádio.

Para melhor compreensão e contextualização dessas categorias, é importante inicialmente caracterizar os participantes desta pesquisa, destacando aspectos como faixa etária, tempo de experiência profissional, formação acadêmica e competências.

3.1 Caracterização dos participantes da pesquisa

Os participantes desta pesquisa foram selecionados com base em critérios de relevância para o objeto de estudo, considerando sua experiência na área de locução e a diversidade de contextos profissionais e geográficos. A amostra, composta por seis indivíduos, incluiu três profissionais brasileiros e três portugueses, o que permitiu incorporar diferentes perspectivas culturais, linguísticas e mercadológicas no processo de análise.

A escolha por incluir participantes de dois países distintos foi intencional, com o objetivo de ampliar o alcance interpretativo da investigação. Embora Brasil e Portugal compartilhem o mesmo idioma, há diferenças culturais importantes nas práticas de comunicação, no funcionamento das emissoras de rádio, no perfil do ouvinte, nas estratégias de locução e na relação com a tecnologia. No Brasil, predomina uma tradição de locução mais expressiva, calorosa e próxima do ouvinte, marcada por entonações dinâmicas e informalidade. Em contraste, em Portugal, observa-se uma abordagem mais comedida, formal e tecnicamente orientada, com ênfase na clareza e na neutralidade vocal.

Além da diversidade geográfica, os participantes apresentam formações e trajetórias profissionais variadas, atuando ou tendo atuado como locutores, jornalistas, produtores de conteúdo, consultores e gestores de comunicação. Esse leque de perfis contribuiu para uma visão multidimensional do fenômeno, permitindo observar como a formação acadêmica, a experiência prática e a inserção no mercado influenciam a forma como cada indivíduo percebe as mudanças tecnológicas no campo da locução.

A presença de profissionais com atuação tanto nas rádios tradicionais quanto em ambientes digitais ampliou a análise sobre os desafios e as oportunidades trazidas pela

inteligência artificial, incluindo aspectos éticos, estéticos, econômicos e técnicos. Essa composição intencional da amostra fortaleceu a consistência interpretativa da pesquisa e proporcionou uma leitura mais abrangente sobre os efeitos da IA na prática da locução radiofônica contemporânea.

Os entrevistados para esta pesquisa apresentam uma faixa etária variada, com idades que vão de 41 a 59 anos, resultando em uma idade média aproximada de 49,8 anos. Essa diversidade etária confere uma compreensão ampla de perspectivas que podem variar conforme a experiência de vida e profissional de cada indivíduo.

Quanto à experiência profissional, os entrevistados têm um tempo significativo de atuação em suas respectivas áreas, com uma média de experiência de aproximadamente 25 anos. Esse extenso período indica uma provável familiaridade profunda com as evoluções tecnológicas e mudanças no cenário da comunicação e locução.

Em relação à formação acadêmica, a "Licenciatura" surge como a qualificação mais comum entre os participantes, embora haja também representantes com "Superior completo", termo usado no Brasil, e "Doutoramento". Esta variedade no nível de escolaridade traz a riqueza de conhecimentos e perspectivas que podem ser exploradas no contexto da inteligência artificial na locução de rádio.

Tabela 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa

| Entrevistado | Profissão | País |
|---|---|----------|
| 1 Fabiano Carvalho Vieira - BR | Locutor de rádio | Brasil |
| 2 João Carlos Lopes Santarena de Sousa | Professor do ensino superior | Portugal |
| 3 Rui Jorge Tadeu Lopes Borges (Rui Bala) | Jornalista e radialista (Locutor) | Brasil |
| 4 Miguel Ângelo Rodrigues Midões | Professor do ensino superior e jornalista | Portugal |
| 5 Loredana de Lima Kotinski | Empresária, consultora na área de ASG, jornalista | Brasil |
| 6 Elsa Teixeira | Locutora de rádio | Portugal |

A análise global dos dados obtidos por meio das entrevistas revela que os profissionais participantes possuem ampla experiência na área de comunicação e locução de rádio, com uma média de tempo de atuação de mais de 20 anos. De modo geral, os entrevistados apresentam percepções variadas, com uma visão equilibrada entre potenciais benefícios e preocupações associadas à adoção dessa tecnologia.

A análise das entrevistas realizadas foi orientada pelas categorias previamente definidas na etapa metodológica, as quais estruturaram e sintetizaram as percepções dos entrevistados acerca do impacto da inteligência artificial na locução de rádio. Essas categorias foram operacionalizadas a partir da identificação das unidades de registro extraídas do discurso dos participantes, considerando sua recorrência e relevância em relação aos objetivos da pesquisa. No total, o processo analítico resultou em 287 referências nas duas partes da entrevista, distribuídas entre as categorias estabelecidas, conforme será apresentado na tabela a seguir.

3.2 Análise de conteúdo - Etapa 1

Tabela 2 – Análise de conteúdo - Parte 1

| Análise de conteúdo – Entrevistas parte 1 | | |
|---|----------|-------------|
| Categorias | Fontes | Referências |
| Percepções sobre a Inteligência Artificial na Locução de rádio | 6 | 113 |
| 1.1 Impacto da Inteligência artificial na rádio | 6 | 23 |
| 1.2 Desafios e oportunidades da IA | 6 | 29 |
| 1.3 Vozes artificiais – Vantagens e desvantagens | 6 | 44 |
| 1.4 Ameaça a profissão de locutor | 6 | 17 |
| Habilidades e competências para o futuro | 6 | 56 |
| Futuro da locução de rádio | 6 | 30 |

A primeira categoria, na primeira etapa das entrevistas, concentra-se nas percepções gerais sobre os impactos da IA, revelando opiniões tanto otimistas quanto receosas em relação ao futuro profissional e ético da profissão. Essa categoria, devido à sua complexidade, inclui subcategorias que detalham aspectos específicos, como o impacto real da IA nas rádios atualmente, os desafios e oportunidades percebidos, vantagens e desvantagens das vozes artificiais, além das ameaças potenciais à profissão de locutor.

As categorias seguintes exploram habilidades e competências necessárias para o futuro e as expectativas para o futuro da locução radiofônica.

3.2.1 Percepções sobre a Inteligência Artificial na Locução de Rádio

Esta categoria reúne as percepções gerais dos entrevistados sobre o papel e os impactos da inteligência artificial no campo específico da locução de rádio. Por ser um fenômeno relativamente novo e em constante transformação, a aplicação da IA desperta variadas opiniões entre os profissionais da área, permitindo a identificação tanto de preocupações quanto de expectativas positivas.

Esta categoria foi organizada em quatro subcategorias principais que permitem explorar de forma mais detalhada e organizada as diversas facetas do fenômeno analisado:

Impacto da Inteligência Artificial na rádio: examina as opiniões dos entrevistados sobre como a IA está influenciando, direta ou indiretamente, a dinâmica de produção, transmissão e conteúdo das emissoras radiofônicas.

Desafios e oportunidades da IA: aborda as percepções dos profissionais sobre as dificuldades técnicas, éticas e operacionais relacionadas à implementação da IA, assim como as possibilidades de inovação e aprimoramento do trabalho radiofônico.

Vozes artificiais – Vantagens e desvantagens: trata especificamente do uso de vozes geradas artificialmente, analisando aspectos positivos e negativos identificados pelos profissionais entrevistados, especialmente em relação à conexão emocional com o público e à qualidade da experiência auditiva.

Ameaça à profissão de locutor: discute a percepção dos entrevistados sobre os possíveis riscos que a adoção generalizada da IA pode representar para a carreira e para o futuro profissional dos locutores de rádio.

Essas subcategorias estruturam o debate sobre a inteligência artificial na locução radiofônica, permitindo uma análise aprofundada e crítica das diferentes perspectivas identificadas durante as entrevistas, conforme recomendado por Bardin (2011).

3.2.1.1 Impacto da Inteligência Artificial na rádio

A análise das entrevistas permitiu identificar diferentes percepções sobre o impacto da inteligência artificial na locução de rádio. Inicialmente, observa-se que, embora o tema seja amplamente discutido, há um consenso entre vários participantes de que o impacto atual ainda é mínimo ou pouco perceptível na prática cotidiana das emissoras.

(Entrevistado 4) "Eu acho que atualmente ainda não há um impacto propriamente muito significativo." (...) "Nós ainda não temos... muitas rádios, sobretudo rádios conhecidas do dia a dia, as chamadas rádios mainstream, ainda não são feitas com recurso à Inteligência Artificial, ou muito pouco no sentido da locução."

(Entrevistado 3) "A gente não tem ainda um volume muito grande. A gente não sente esse impacto assim de uma maneira tão agressiva."

(Entrevistado 6) "Neste momento, ainda não senti esse efeito, mas fala-se muito."

(Entrevistado 2) "Estamos a dar os primeiros passos nesse sentido de ver qual é o impacto da inteligência artificial." (...) "O que eu até agora já ouvi de inteligência artificial ainda é razoavelmente limitado."

(Entrevistado 5) "O uso de vozes utilizando a inteligência artificial ainda é insípido no Brasil, ainda está começando."

Em contrapartida, foram também destacadas percepções positivas, apontando potenciais benefícios do uso da IA na rádio, principalmente relacionados à melhoria técnica da qualidade sonora e o impacto na geração de conteúdos.

(Entrevistado 2) "Algumas ferramentas incluídas em softwares ou disponíveis grátis na internet, consegue-se um áudio de melhor qualidade ou com uma qualidade aceitável mesmo que a gravação não tenha as melhores condições." (...) "Uma das coisas é usar a inteligência artificial para melhorar voz."

(Entrevistado 5) "Eu acho que hoje a inteligência artificial... impacta principalmente na geração de conteúdo."

No entanto, também surgiram percepções claramente negativas ou preocupações em relação ao uso da IA, especialmente relacionadas a questões éticas, econômicas e ao futuro da profissão de locutor.

(Entrevistado 2) "A outra coisa é a utilização da inteligência artificial para síntese de voz. E aí podemos ter problemas sérios de direitos de autor."

(Entrevistado 1) "Primeiro de uma forma muito negativa. Por quê? Muitos estão com medo com relação a perder seus empregos." "Porque muitos donos de rádio estão pensando já em colocar essas vozes de inteligência artificial para poder substituir. E para poder diminuir o custo deles dentro da rádio."

(Entrevistado 6) "Para já é só um receio que eu tenho, não é? Porque na verdade é menos um custo para quem contrata, mas ainda não senti esse impacto."

Além disso, foram mencionados aspectos que indicam precaução ou uma visão crítica sobre a adoção precipitada da tecnologia.

(Entrevistado 1) "Mas, a princípio, eu vejo essa entrada ainda um pouco precoce no rádio. Ainda tem que ser estudada, ainda tem que ser aperfeiçoada para que fale não, agora tá legal, a gente pode utilizar em horários que não precisa de locutor."

(Entrevistado 4) "Por isso é que eu acho que é possível, porque nós somos parâlos, nós gostamos deste tanto, deste deslumbramento da tecnologia e deixamos nos levar completamente por isso, sem medir quais são as verdadeiras consequências a médio e a longo prazo."

Houve a percepção de que as vozes produzidas pela inteligência artificial já atingiram um nível de sofisticação suficiente para causar dúvidas quanto à autenticidade humana do conteúdo radiofônico.

(Entrevistado 2) "E o assustador é que se não nos for dito que todo o programa é produzido pela Inteligência Artificial... distraidamente não damos por isso."

(Entrevistado 4) "Tem que estar muito atento para perceber que a locução é feita por uma máquina e nessas pequenas coisas."

Um aspecto importante apontado durante as entrevistas foi a comparação entre a introdução atual da inteligência artificial e o início do processo de automação nas rádios. Segundo o Entrevistado 3, a adoção da IA parece seguir um caminho semelhante ao da automação, que começou timidamente e depois se intensificou, modificando o ambiente radiofônico.

(Entrevistado 3) "Eu acho que talvez esse impacto seja um pouco parecido com a automação, quando as rádios começaram a ter... Como iniciou essa coisa da automação, um pouco mais forte."

Dessa forma, percebe-se uma diversidade nas opiniões dos entrevistados, refletindo a complexidade e os desafios envolvidos na introdução da inteligência artificial no contexto da locução radiofônica.

3.2.1.2 Desafios e oportunidades da IA

A subcategoria "Desafios e oportunidades da IA" permite compreender as percepções dos entrevistados sobre aspectos críticos e potenciais benefícios que a introdução da inteligência artificial traz para o campo da locução radiofônica. Nesta etapa da análise, são discutidos tanto os obstáculos identificados pelos profissionais para a plena adoção dessa tecnologia quanto as oportunidades de inovação e melhoria que ela pode representar para o setor. As respostas fornecidas pelos entrevistados destacam aspectos éticos, econômicos, técnicos e profissionais, com a preocupação de que a implementação da IA exige atenção cuidadosa às suas implicações práticas e estratégicas.

Os participantes destacaram diversas oportunidades relacionadas à adoção da inteligência artificial na rádio, principalmente no que diz respeito à produção, qualidade técnica e ampliação do acesso a diferentes vozes. A IA é vista como uma ferramenta especialmente vantajosa na melhoria técnica do áudio, permitindo que gravações de qualidade inferior possam ser recuperadas e aprimoradas, garantindo uma transmissão com resultados satisfatórios mesmo com limitações técnicas ou profissionais.

(Entrevistado 2) “É uma ferramenta como a outra qualquer, assim como o digital nos vai trazer ferramentas extraordinárias.”

(Entrevistado 6) “porque se nós soubermos usar a inteligência artificial a nosso favor, acho que só traz vantagens”

(Entrevistado 2) “oportunidades elas já estão sendo usadas, como eu mencionei há pouco. O tratamento de áudio por pessoas não muito qualificadas, com problemas de captação, porque a inteligência ajuda, nesse ponto de vista, como uma ferramenta.”

(Entrevistado 4) “que é quando a locução não é feita em direto, quando é uma locução gravada, porque há programas de facto que são gravados, a Inteligência Artificial pode ajudar-nos a melhorar a qualidade desse som”

Além da qualidade sonora, a produtividade também aparece como um ponto forte associado ao uso da inteligência artificial. Os entrevistados ressaltaram que, ao integrar ferramentas de IA nos processos produtivos, é possível aumentar a capacidade de produção de conteúdos. Isso inclui desde a geração de locuções gravadas até à produção de jingles e outros elementos radiofônicos, permitindo que profissionais façam uma entrega mais ampla e diversificada de produtos radiofônicos.

(Entrevistado 2) “As ferramentas de IA estão a dar muita produtividade em muitos campos. No campo da comunicação e das relações públicas, no campo da edição de áudio e de vídeo, as ferramentas de IA dão uma grande ajuda. E no campo do tratamento de áudio também.”

(Entrevistado 3) “Eu acho que nesse sentido de produção, principalmente parte plástica e de chamadas de rádio, acho bacana. Acho que pode agregar, já está agregando, a gente já ouve muita coisa ligada a isso relacionado à inteligência artificial.”

(Entrevistado 5) “porque você pode fazer uma entrega muito maior, entregar mais produtos.” (...) “Então facilita você produzir mais conteúdos não sendo só a sua voz ou sendo vozes semelhantes ou de qualidade para geração de texto, geração de jingles”

Outro ponto importante diz respeito ao uso estratégico da IA em emissoras menores ou em horários específicos. A inteligência artificial surge como uma solução para pequenas rádios ou rádios locais que enfrentam dificuldades financeiras e não dispõem de recursos humanos suficientes. Além disso, foi destacada a possibilidade de utilizar vozes artificiais para suprir horários que tradicionalmente têm pouca ou nenhuma cobertura humana, como madrugada ou períodos com menor audiência. A diversidade de sotaques disponíveis com a IA também é apontada como um benefício, facilitando o acesso rápido e prático a diferentes vozes, algo que anteriormente seria logisticamente mais complexo.

(Entrevistado 4) “eu acho que vai ser um recurso fácil para as rádios mais pequenas, as rádios locais, que sobretudo em Portugal, estão muito despidas de profissionais, não têm recursos humanos, porque não têm capacidade financeira para pagar esses recursos humanos.”

(Entrevistado 1) “Eles poderiam pensar que, onde não tem locutor no horário, por exemplo, madrugada geralmente não tem, eles poderiam utilizar essa inteligência artificial para suprir essa necessidade de um locutor, para não deixar o horário vazio”

Os entrevistados identificaram diversos desafios que acompanham a adoção da inteligência artificial na locução radiofônica, destacando especialmente questões técnicas, éticas e emocionais. Um ponto frequentemente abordado refere-se às limitações técnicas das vozes sintetizadas, especificamente em relação à qualidade do timbre e à ausência de emoção genuína. Essa falta de emoção é percebida pelos entrevistados como uma barreira para o engajamento efetivo do público.

(Entrevistado 1) "Ainda tem ajustes a serem feitos com relação à locução da inteligência artificial, por conta de timbre, de emoção e etc., dentro do rádio." (...) "Inteligência artificial não gera engajamento em horários que têm audiência."

(Entrevistado 4) "Sim, tudo bem, é a minha voz criada por uma máquina e não sou eu sequer que estou a viver aquelas emoções e a transmitir aquelas emoções para o meu público."

Outro grande desafio apontado é a resistência potencial dos profissionais da área frente à adoção generalizada da inteligência artificial. Foi ressaltado que muitos locutores, jornalistas e animadores podem não aceitar facilmente que textos sejam produzidos por máquinas usando suas próprias vozes, mesmo que com autorização prévia. Essa resistência é amplificada pela percepção de que a IA poderia interferir negativamente nas relações interpessoais e na dinâmica cotidiana dentro das rádios, afetando o ambiente profissional e a comunicação interna das equipes.

(Entrevistado 4) "Eu pessoalmente não quero e acho que animadores, locutores, publicitários, jornalistas que trabalham na rádio não vão querer isto. Vai ser muito difícil que queiram que alguém esteja a produzir texto com a sua voz, ainda que seja a sua voz." (...)"Quando nós estamos numa rádio a trabalhar, temos a parte dos animadores, temos a parte da redação com os jornalistas, temos a parte dos publicitários, o trânsito, temos um conjunto de secções na rádio que vão entrando e saindo do estúdio conforme é a sua hora de entrar e sair. E isso cria ali uma série de relações profissionais e pessoais, ao mesmo tempo, que a inteligência artificial não vai permitir existir e eu acho que nós não vamos gostar, nós vamos cortar ali o avanço a dada altura."

Por fim, foram também mencionadas limitações da IA na cobertura ao vivo e em atividades que requerem narrativas imediatas ou presenciais. Os entrevistados destacaram que, em transmissões ao vivo ou situações jornalísticas complexas, a IA enfrenta dificuldades, pois dependeria de inputs prévios, perdendo agilidade e capacidade de adaptação instantânea, aspectos cruciais para a rádio. Questões relacionadas aos direitos autorais emergiram como uma preocupação ética relevante, exigindo regulamentação e atenção especial dos profissionais e gestores das emissoras.

(Entrevistado 5) "Você pode ter profissionais fazendo cobertura ao vivo, presenciais, ou dando relato de fatos que assistiram, que aí não é tão simples para a IA fazer, porque teria que ter um profissional escrevendo um relato de um fato para colocar uma IA para narrar esse fato."

(Entrevistado 2) "A outra coisa é a utilização da inteligência artificial para síntese de voz. E aí podemos ter problemas sérios de direitos de autor."

3.2.1.3 Vozes artificiais – Vantagens e desvantagens

A subcategoria “Vozes artificiais – vantagens e desvantagens” concentra as percepções dos entrevistados sobre os pontos positivos e negativos relacionados ao uso de vozes geradas por inteligência artificial na rádio. Ao mesmo tempo em que reconhecem o avanço tecnológico e a praticidade oferecida por essas vozes em determinados contextos, os profissionais também expressam preocupações quanto à naturalidade, à ausência de emoção e aos riscos de substituição da presença humana na locução. A análise dessa subcategoria revela um equilíbrio entre a admiração pela inovação e a cautela frente aos seus limites.

Antes de aprofundar as percepções sobre as vantagens e desvantagens das vozes artificiais, é importante destacar que a maioria dos entrevistados relatou não ter tido contato direto com locuções feitas por inteligência artificial na rádio. Embora o tema seja amplamente discutido e observado em outras áreas da comunicação, muitos profissionais ainda não presenciaram ou participaram de programações com vozes totalmente sintéticas. Apenas um dos entrevistados afirmou já ter tido essa experiência, enquanto os demais revelaram desconhecimento prático, o que pode influenciar tanto o olhar crítico quanto a curiosidade sobre o potencial da tecnologia.

(Entrevistado 1) "Sim. Aqui no Brasil, já tive contato."

(Entrevistado 4) "Nunca ouvi uma voz, um programa inteiro a ser feito por uma voz de inteligência artificial."

(Entrevistado 3) "Não diretamente a locução de apresentação de algum programa, não tive contato direto com isso."

(Entrevistado 6) "Não, ainda não. Ainda não."

(Entrevistado 2) "Não, na locução de rádio não."

(Entrevistado 5) "Não, nunca tive. Eu nunca tive."

Apesar da ausência de contato direto com vozes artificiais na rádio tradicional, alguns entrevistados relataram experiências com a tecnologia em contextos como podcasts e publicidade.

(Entrevistado 2) "Já tive contato com vozes artificiais na produção de conteúdo de áudio para podcast e até de conteúdo de áudio para publicidade."

Entre as vantagens percebidas nas vozes artificiais, os entrevistados destacam a possibilidade de realizar o trabalho com maior agilidade e economia. A inteligência artificial é vista pelos entrevistados como uma ferramenta que pode acelerar o processo de produção, entregando resultados mais rápidos e até mais padronizados. Além disso, o custo reduzido para gerar vozes sintéticas, se comparado à contratação de locutores humanos, é mencionado como um dos principais atrativos da IA, especialmente em contextos de orçamento limitado ou produções de grande volume.

(Entrevistado 6) "Eu acho que vantagens talvez tenham a ver com... Talvez consigam fazer o trabalho mais rápido. Talvez, talvez mais rápido e se calhar mais perfeito, talvez."

(Entrevistado 2) "A vantagem parece que é extraordinária, que é um baixo custo. É um custo mais baixo, aliás é a grande vantagem da IA noutros campos. O custo mais baixo logo à partida."

Os entrevistados apontaram que a inteligência artificial pode representar uma vantagem relevante no campo da produção de áudio, especialmente em peças promocionais, publicitárias e elementos de plástica das emissoras. Foi mencionado que, em muitos casos, as rádios já contratam vozes externas para esse tipo de material, o que abre espaço para que as vozes sintéticas sejam consideradas uma alternativa viável. Para alguns profissionais, a IA é vista como uma ferramenta que pode ser útil em situações específicas, funcionando como um recurso complementar à produção, sem necessariamente ameaçar o trabalho humano.

(Entrevistado 4) "Em termos da produção dos spots publicitários, dos promocionais, muito raramente é feita com as vozes das pessoas da casa nas rádios nacionais. Ou seja,

que contrata-se fora. Se vamos contratar fora e quem está a fazer uma máquina a dar voz..."

(Entrevistado 3) "Preciso usar de alguma maneira, preciso de alguma voz. Então acaba, pode ser uma ferramenta interessante. Eu vejo, nesse caso, a inteligência como um aliado até. Não é que vai tirar emprego de A, B ou C, mas eu vejo até como um aliado, de repente, em alguma situação você pode ajudar, como eu falei anteriormente, com relação à produção." (...) "Basicamente, para mim, é isso, produção, plástica e chamadas."

Uma das desvantagens apontadas pelos entrevistados em relação às vozes artificiais é a ausência de emoção na entrega vocal. As falas revelam que, apesar da clareza e da correção técnica, as vozes geradas por inteligência artificial ainda soam mecânicas e lineares, sem a expressividade que caracteriza a locução humana. Essa limitação emocional foi associada à falta de profundidade e naturalidade na comunicação, mesmo em conteúdos gravados, o que pode impactar a conexão com o ouvinte.

(Entrevistado 1) "Eu só não vejo emoção nessas vozes. Acho que é uma coisa muito reta ainda."

(Entrevistado 3) "Talvez muito distante dessa emoção que a gente tem, da locução, mesmo que ela seja gravada por um ser humano normal, eu vejo que não tem uma coisa tão profunda."

Outro aspecto recorrente nas entrevistas refere-se às limitações técnicas e expressivas das vozes artificiais. Os profissionais observam que, embora a tecnologia tenha avançado, ela ainda não alcança o nível de naturalidade, dinamismo e intensidade característicos da locução humana. Há uma percepção de que falta "vida" às vozes geradas por IA, que permanecem com uma sonoridade artificial e distante da expressividade esperada. Além disso, alguns entrevistados consideram que a qualidade dessas vozes ainda está aquém do desejado, especialmente em contextos que exigem interpretação mais complexa e emocionalmente envolvente.

(Entrevistado 1) "Falta ainda muito para poder chegar onde a gente quer, onde... A gente gostaria que chegasse."

(Entrevistado 2) "E aí a IA ainda, vou reforçar o ainda, ainda não chega. Dos poucos contatos que eu tive, a síntese de voz para inteligência artificial para locução era sem dúvida muito mais fraca e ficava muito aquém daquilo que um humano pode fazer." (...) "Mas se posso... se calhar a qualidade ainda não é tão boa."

(Entrevistado 4) "Tem que chegar mais vida, quer mais garra, quer mais dinâmica. Não sei se é possível dizer isto a uma máquina. Eu acho que vai ser gravado da mesma maneira ou vai ser sempre mais artificial na forma como vai fazer."

Apesar dos avanços tecnológicos, os entrevistados reforçam a ideia de que a voz humana ainda ocupa um lugar insubstituível na locução radiofônica, principalmente por sua capacidade de transmitir emoção, calor e engajamento. Segundo os participantes, a expressividade natural do ser humano se manifesta não apenas nas palavras, mas também nos silêncios, na entonação e na intensidade emocional, elementos que a inteligência artificial ainda não consegue replicar com autenticidade. Essa limitação é percebida como um obstáculo quando o objetivo é estabelecer uma conexão afetiva com o ouvinte.

(Entrevistado 6) "Mas eu acho que falta ali qualquer coisa, porque o ser humano consegue imprimir emoção com as palavras, com os silêncios e eu não sei se a inteligência artificial consegue atingir esse nível. Acho que todos nós temos ali um quezinho para oferecer que faz a diferença."

(Entrevistado 3) "A gente tem o lado da emoção, dependendo do que você precisa, a emoção que você precisa passar, uma coisa é você passar emoção, ou outra coisa é você... quem já mexeu com isso, já lidou com isso, vê. Você tem um pouco de aceleração, ele não tem um botãozinho ali, é motivo, é emoção, muito difícil."

(Entrevistado 1) "Dentro de uma voz humana que gere emoção, que gere calor, que gere engajamento, ela é imprescindível. A necessidade de uma voz humana dentro de uma rádio que gere isso tudo, engajamento, ela é imprescindível. E a inteligência artificial ainda não faz isso."

Embora reconheçam as limitações atuais da inteligência artificial na locução, alguns entrevistados apontam que as vozes artificiais vêm se tornando progressivamente mais próximas da voz humana. Para esses profissionais, a evolução da tecnologia é perceptível em aspectos como timbre, entonação e estilo de fala, o que indica um movimento contínuo rumo à naturalidade. Essa aproximação, no entanto, também desperta inquietações, especialmente quando as vozes sintéticas se tornam tão realistas a ponto de dificultar a distinção entre o que é humano e o que é artificial.

(Entrevistado 5) "Eu diria pra você que cada vez a IA está se aproximando do timbre e do estilo e da entonação de voz humana. Então, isso é um caminho sem volta, infelizmente."

(Entrevistado 4) "Dois momentos que era uma máquina que estava ali a falar, ou seja, eu acho que cada vez mais também a inteligência artificial se vai desenvolvendo e começa a adquirir traços de naturalidade do discurso e isso é que é assustador para mim porque não deviam que nós deixássemos de perceber."

Apesar do reconhecimento de que as vozes artificiais estão cada vez mais próximas da voz humana, os entrevistados reforçam que, na maioria das situações, a voz humana ainda é considerada mais adequada para a rádio. As falas indicam uma valorização da autenticidade, da expressividade e da conexão emocional que a locução humana proporciona, elementos que, segundo os participantes, ainda não foram superados pela tecnologia. Essa percepção reforça o papel insubstituível do profissional da voz e antecipa a discussão sobre as ameaças que a inteligência artificial pode representar para a profissão.

(Entrevistado 2) "Ainda não descobri. Talvez existam. Mas ainda não descobri situações em que elas sejam mais adequadas."

(Entrevistado 5) "Eu não acho que a IA sempre é melhor que a voz humana."

(Entrevistado 4) "Eu acredito que nunca. Acho que não há situações, muito sinceramente."

Entre as desvantagens apontadas, também foi mencionada a possibilidade de que o avanço das vozes artificiais venha a comprometer o espaço profissional dos locutores

humanos. A substituição gradual da voz humana por soluções automatizadas levanta preocupações sobre o futuro da profissão, principalmente em um setor historicamente marcado pela presença viva e interpretativa dos comunicadores. Essa percepção introduz um tema sensível que será aprofundado na próxima subcategoria: a ameaça à profissão do locutor.

(Entrevistado 4) "Desvantagens, a primeira que me vem logo à cabeça é o desemprego. É a quantidade de profissionais que pode ir para a rua. E nós estamos a falar na questão da rádio".

3.2.1.4 Ameaça à profissão de locutor

A subcategoria "Ameaça à profissão do locutor" reúne as percepções dos entrevistados sobre os possíveis impactos da inteligência artificial na continuidade e valorização da atuação profissional humana na rádio.

A inteligência artificial tem provocado discussões sobre seu potencial impacto no futuro da locução, especialmente no que diz respeito à permanência do profissional humano nas rádios. Os entrevistados manifestam preocupação com a possibilidade de substituição da voz humana por vozes sintéticas, o que poderia comprometer o espaço de trabalho dos locutores.

Ainda que haja preocupação, alguns entrevistados afirmam que a inteligência artificial não representa uma ameaça direta à profissão de locutor. Para esses profissionais, a locução humana continua sendo essencial, especialmente no que diz respeito à criação de vínculo com o público e à identidade das emissoras. Há também quem diferencie os impactos da IA entre as funções exercidas na rádio, considerando que ela poderia afetar outras áreas da comunicação antes de representar riscos reais à locução propriamente dita.

(Entrevistado 3) "Para locução de rádio, eu não acredito, sendo bem sincero." (...) "Eu não vejo como uma ameaça a curto e médio prazo. A voz humana vai continuar sendo necessária, principalmente quando a gente fala de engajamento, de relacionamento com o público."

(Entrevistado 1) "Tem espaço pra inteligência artificial? Tem. Mas também tem espaço pra voz humana. São coisas diferentes, podem caminhar juntas."

(Entrevistado 2) "Isso não é uma ameaça ao locutor, seria uma ameaça ao jornalista da rádio."

Outros entrevistados consideram que a inteligência artificial não é necessariamente uma ameaça, mas reconhecem que isso depende da forma como a tecnologia for utilizada. Quando aplicada como uma ferramenta de apoio ao trabalho do locutor, sem substituir sua presença, a IA pode ser vista como um recurso útil e complementar.

(Entrevistado 6) "Eu acho que depende da forma como a inteligência artificial for usada. Se for usada como uma ferramenta de trabalho, ou seja, alguma coisa que complemente o nosso trabalho, não é uma ameaça."

Alguns entrevistados reconhecem que a inteligência artificial pode representar uma ameaça em contextos específicos da locução, mas não consideram que esse risco se estenda a todas as formas de atuação. Para esses profissionais, o uso da IA pode impactar principalmente as gravações e conteúdos mais automatizados, enquanto a locução ao vivo, que exige presença física e interação direta, permanece como um espaço ainda preservado da substituição tecnológica.

(Entrevistado 5) "Eu não sei se é uma ameaça totalmente, porque quando você fala de locução de rádio ao vivo, por exemplo, não é um problema, porque você precisa da pessoa física."

(Entrevistado 3) "Então assim, eu particularmente não vejo uma ameaça grande, é uma ameaça em algum sentido, sim, gravações, para quem trabalha mais com esse tipo de coisa, mas não ameaça direta à locução diária, eu não acredito numa ameaça tão grande ou que talvez não tão duradoura, vamos dizer assim."

O entrevistado 2 aponta que o uso de inteligência artificial na locução levanta questões de ordem ética. Ele menciona que a voz funciona como uma assinatura pessoal, comparável a uma impressão digital, e expressa incerteza sobre a origem do conteúdo

produzido com IA, bem como sobre os critérios éticos e deontológicos envolvidos nesse processo.

(Entrevistado 2) "Até por uma questão de ética profissional do jornalismo, da locução, a voz funciona como uma assinatura pessoal, como uma impressão digital. Então eu não sei se de facto aquilo foi feito pelo humano, por uma máquina, que questões éticas foram ou não foram tidas em conta ou deontológicas."

O entrevistado 5 menciona a possibilidade de aplicação da inteligência artificial de forma integral nos processos de comunicação sonora. Ela aponta essa atuação "de ponta a ponta" como um risco, considerando que, segundo sua percepção, os recursos atuais de IA ainda não são suficientemente desenvolvidos para substituir o trabalho realizado por humanos.

(Entrevistado 5) "E aí esse risco da IA na ponta a ponta, essa possibilidade da IA de ponta a ponta, eu vejo como risco porque a gente ainda não tem recursos de IA tão afinados que possam fazer o trabalho humano."

A entrevistada também menciona o risco de que a utilização da inteligência artificial na locução resulte em conteúdos com menor profundidade. Ela aponta que, enquanto houver distância entre a atuação humana e os recursos da IA, existe a possibilidade de ocorrerem erros, superficialidade ou uma abordagem unilateral das informações transmitidas.

(Entrevistado 5) "Ainda vai levar um tempo para a gente ter IA e humano muito próximos. Então, essa lacuna causa um risco de informação equivocada, informação superficial, informação unilateral. Esse é o grande risco que eu acho."

A unidade de registro "Ameaça de Substituição" reúne falas de diversos entrevistados que expressam preocupação com a possibilidade real de que locutores sejam gradualmente substituídos por vozes artificiais. A percepção de que essa substituição possa ocorrer de forma silenciosa, por motivos econômicos ou de conveniência, é recorrente. Alguns participantes mencionam a necessidade de regulamentação para proteção dos

profissionais da área, enquanto outros associam o avanço da IA a um processo inevitável de mudança no mercado da comunicação.

(Entrevistado 6) "Mas claro que eu acho que precisa ser regularizada mesmo, regulamentada aliás, para também proteger os direitos de quem faz rádio, porque senão a nossa profissão pode facilmente... podem substituir um locutor de rádio por uma máquina, não é?" (...) "Eu acho que pode eventualmente ser um perigo, se de repente as pessoas que contratam os locutores de rádio acharem que é muito melhor e que o trabalho fica mais bem feito por uma máquina."

(Entrevistado 1) "Para nós locutores, sempre vai ser uma ameaça, porque é uma coisa que está vindo para poder substituir entre aspas né?"

(Entrevistado 2) "E desse ponto de vista é uma ameaça, assim como já é uma ameaça aos ilustradores. Há 'ene' ferramentas de criação de ilustração, algumas com a qualidade assustadora... desse ponto de vista da capacidade de substituir o humano, na voz também." (...) "Uma ameaça, é mesmo na substituição de síntese de voz. Estamos a falar de uma profissão que vive disso."

(Entrevistado 4) "E acho que é preocupante, porque nós vamos dar espaço a isso. Nós vamos dar espaço a que seja a inteligência artificial a falar conosco. Agora, isso é algo bonito? Não. Tem algo interessante? Muito pouco. Muito sinceramente. Vai acontecer? Infelizmente, vai."

3.3 Habilidades e Competências para o Futuro

A categoria "Habilidades e Competências para o Futuro" aborda as capacidades consideradas importantes para a atuação profissional na rádio diante da presença crescente da inteligência artificial. São mencionados aspectos relacionados ao conhecimento técnico, ao uso de ferramentas digitais, à atualização constante e à ampliação do repertório de atuação do locutor frente às mudanças no setor da comunicação.

A entrevistada 6 fala sobre a importância de acompanhar os avanços tecnológicos no contexto da radiodifusão. Ela faz referência a momentos anteriores de transformação na

história da rádio, como a incorporação da imagem e das redes sociais, para ilustrar que a adaptação tem sido parte do processo de sobrevivência do meio. Ao mencionar a presença da inteligência artificial no cotidiano, afirma que essa evolução não pode ser ignorada e que é necessário seguir o ritmo das mudanças.

(Entrevistado 6) "Nós temos que acompanhar a evolução. Há uns tempos a rádio também não tinha imagem, não é? E de repente a rádio, para sobreviver, também teve que chegar às redes sociais." (...) "A evolução das tecnologias e também falam de inteligência artificial e também usam a inteligência artificial no seu dia a dia, nós não podemos dizer não, não quero, não é? Temos que acompanhá-las. Eu acho que é muito por aí."

A unidade de registo "Adaptação dos locutores" reúne considerações sobre a forma como os profissionais de rádio lidam com as mudanças tecnológicas. O entrevistado 6 observa que o papel do locutor foi se ampliando ao longo do tempo, incorporando elementos visuais e novas formas de presença, sem perder sua função original. O Entrevistado 4 menciona que os locutores tendem a ser pragmáticos e conseguem se adaptar com facilidade às transformações técnicas. Já o Entrevistado 2 afirma que a rádio tem histórico de adaptação às novas tecnologias, e acredita que isso seguirá ocorrendo, sem eliminar a presença da figura humana no processo.

(Entrevistado 6) "E agora também é só mais uma extensão do nosso trabalho. Não está a substituir aquilo que nós fazemos, mas agora um locutor de rádio também já tem uma imagem, e também já aparece, ou seja, não é só o microfone que conta, portanto, e conseguimos adaptar-nos."

(Entrevistado 4) "Nós temos que nos adaptar às tecnologias. Nós adaptávamos às tecnologias. (...)"

Eu acho que podem adaptar-se facilmente. Muito por causa daquilo que acabei de dizer, os locutores de rádio, normalmente os profissionais de rádio, são pessoas pragmáticas, ou seja, aquilo que nós em Portugal chamamos de despachadas."

(Entrevistado 2) "E se há alguma coisa que a Rádio sempre se conseguiu adaptar, é às novas tecnologias. Aquelas que eu falei e outras anteriores. E usá-las em proveito próprio."

Eu acredito que isso vai continuar a acontecer, sem substituir a persona. Continuamos a ter que ter uma pessoa lá dentro."

Os entrevistados destacam a importância de buscar apoio especializado como parte das competências necessárias para lidar com as transformações no campo da locução. O Entrevistado 3 menciona que recorrer à ajuda de profissionais pode contribuir significativamente para o aprimoramento individual, especialmente em momentos de mudança. O Entrevistado 1 também reforça a ideia de que procurar orientação quando necessário é uma atitude relevante para o desenvolvimento no futuro.

(Entrevistado 3) "Então, você pode pedir mais ajuda e isso vai te fazer ser uma pessoa, um profissional melhor, principalmente nesse momento." (...) "Por isso que eu acho que às vezes o profissional é muito importante nesse sentido. Às vezes não, é sempre muito importante. Quem tiver condição tem que ir atrás de um profissional para ajudar."

(Entrevistado 1) "Procurar sempre ajuda, sempre que precisar, acredito que seja isso pro futuro."

Entrevistado 3 ressalta a importância de contar com apoio especializado para aprimorar a atuação profissional, especialmente em períodos de transformação. Para ele, recorrer à orientação de outros profissionais é um passo relevante para o crescimento e a adaptação no cenário atual. O Entrevistado 1 também aponta a busca por ajuda como um elemento importante para o futuro da profissão, destacando a necessidade de estar aberto ao aprendizado e ao suporte quando necessário.

(Entrevistado 3) "Então, você pode pedir mais ajuda e isso vai te fazer ser uma pessoa, um profissional melhor, principalmente nesse momento." (...) "Por isso que eu acho que às vezes o profissional é muito importante nesse sentido. Às vezes não, é sempre muito importante. Quem tiver condição tem que ir atrás de um profissional para ajudar."

(Entrevistado 1) "Procurar sempre ajuda, sempre que precisar, acredito que seja isso pro futuro."

O Entrevistado 6 destaca a importância de adquirir conhecimentos relacionados tanto às redes sociais quanto à inteligência artificial. Ela aponta que compreender o

funcionamento dessas ferramentas e saber como aplicá-las no contexto profissional pode contribuir para aprimorar o trabalho do locutor, ampliando as possibilidades de atuação com os recursos disponíveis.

(Entrevistado 6) "Eu acho que é importante não só dominar as redes sociais, como também dominar, também esta questão da inteligência artificial. Ou seja, perceber como e de que forma é que pode melhorar ainda mais o seu trabalho, tendo em conta todas as ferramentas que têm à disposição."

Estudar é apontado como uma atitude essencial para acompanhar as mudanças no setor da locução. A necessidade de buscar conhecimento constante, especialmente sobre inteligência artificial e suas aplicações na comunicação, é destacada como um caminho para adaptação e crescimento profissional. Também é sugerido o acompanhamento de outros mercados relacionados, como o da música, da tecnologia e da voz, ampliando o repertório do locutor diante das novas demandas.

(Entrevistado 3) "Pegue tudo isso, bata no liquidificador e use tudo isso para a sua locução, estude, análise, veja, aplique, treine. Acho que tudo isso pode ser feito."

(Entrevistado 5) "Estudar IA para ontem. E estudar também, é, estudar tudo que é de IA, né? Todas as ferramentas de IA possíveis na área de locução."

(Entrevistado 1) "Primeira coisa é sempre estudar. Sempre estudar, estar atento ao que está acontecendo à volta dele." (...) "Estudo... Estudar cada vez mais o mercado, não só o mercado de locução, mas o mercado de música, o mercado de tecnologia, o mercado de voz, para que ele possa se desenvolver ainda mais."

A demonstração de humanidade no exercício da locução é mencionada como um elemento importante da atuação profissional. A ideia de que o locutor também vive as emoções e desafios do cotidiano reforça a autenticidade da comunicação e contrasta com a neutralidade das vozes artificiais.

(Entrevistado 3) "Mostrar isso, que você também é um ser humano, que você tá ali, que você também é passível dessas coisas, de todos os sofrimentos do dia a dia, porque a

gente brinca, né, que o locutor de rádio está sempre alegre, né, 'oi, tudo bem', aquela coisa do pique do locutor."

Os entrevistados mencionam que a inteligência artificial pode ser utilizada como uma ferramenta de apoio ao trabalho do locutor. A tecnologia é vista como algo que complementa as atividades já realizadas, contribuindo com tarefas específicas ou operacionais. Também é apontado que, ao ser integrada de forma estratégica, a inteligência artificial pode auxiliar na produtividade e na organização de conteúdos, sem que isso signifique abandonar as funções humanas.

(Entrevistado 6) "Eu acho que é usando a inteligência artificial como uma ferramenta que complementa o seu trabalho." (...) "Eu acho que é isso mesmo, se nós conseguirmos usar a inteligência artificial como ferramenta que nos ajuda o nosso trabalho, muito bem."

(Entrevistado 4) "Seria tão bom poder chegar a um computador e dizer, olha, faz-me aí, tens aqui, vai buscar músicas, faz o alinhamento, mete estas vozes àquelas horas que tens que meter, não é? E eu continuava a fazer o meu trabalho de jornalista, tranquilo, enquanto a máquina está ali a fazer aquilo por mim." (...) "Aprender a inteligência artificial para utilizar a inteligência artificial como ferramenta para eles fazerem negócios."

(Entrevistado 1) "Eu vejo como um aliado. Eu acho que os locutores devem ver isso como aliado, como uma ferramenta de trabalho, como um A+, como um Plus no trabalho, uma ajuda, porque realmente é uma coisa que vem para nos ajudar."

Os entrevistados mencionam que manter uma ligação com o ouvinte continua sendo uma competência central para a atuação na rádio. Essa conexão é vista como um diferencial para a permanência do locutor no mercado, reforçando o valor do envolvimento com a audiência na prática cotidiana da locução.

(Entrevistado 6) "Eu acho que precisa de, primeiro, conhecer o público para o qual se está a falar. Ou seja, os básicos da rádio que são esses, né? Conhecer o público para o qual se está a falar, conhecer a música, conhecer os artistas que passam na rádio e depois é conseguir estabelecer essa ligação com os ouvintes." (...) "E um locutor que consiga criar

essa relação com os ouvintes, eu acho que vai conseguir, tentar pelo menos, manter o seu emprego."

(Entrevistado 3) "Mostrando que você se importa com os ouvintes, que eu acho que a preocupação maior pra mim é a preocupação com o ouvinte." (...) "Entender o ouvinte, entender o que é aquilo e fazer parte dessa vida do ouvinte, acho que as coisas vão ser cada dia melhores pra... para a locução em geral, para as rádios em geral."

Os entrevistados mencionam que a naturalidade da voz tem ganhado destaque como uma característica valorizada na locução contemporânea. A exigência de uma boa voz permanece, mas acompanhada da busca por uma entoação mais próxima da fala cotidiana, com ritmo, dicção e presença que transmitam autenticidade.

(Entrevistado 4) "A pessoa de rádio tem que ter uma voz muito interessante e muito boa. Claro que tem que ter uma voz. Claro que ela tem que ser boa. Claro que temos que trabalhar na mesma... o ritmo, a entoação, a dicção. Agora, a voz é cada vez mais natural."

(Entrevistado 2) "Pede-se que seja natural, muito natural. É mesmo aquela pessoa que está ali."

A multiplicidade de funções exercidas por profissionais da rádio é mencionada como uma característica crescente da área. A necessidade de desempenhar diferentes papéis, como animador, publicitário ou jornalista, é apontada como uma realidade que tende a se intensificar. Nesse contexto, a inteligência artificial é vista como um recurso que pode contribuir para lidar com essa ampliação de tarefas.

(Entrevistado 4) "Agora, os locutores de rádio, sejam qual for o locutor, sejam um animador, um publicitário ou um jornalista, é multitask, é uma pessoa com multifunções, tem que fazer muita coisa. E isso vai continuar a acontecer no futuro de forma mais agravada. E é aqui que a Inteligência Artificial pode ajudar também."

A integração entre a rádio e as redes sociais é mencionada como um aspecto relevante para o futuro da locução. A criação de uma ligação mais efetiva com essas plataformas é vista como uma possibilidade já iniciada, mas que ainda pode ser ampliada.

(Entrevistado 4) "Depois outra coisa que ajudaria bastante embora já esteja a ser feito, mas ainda não verdadeiramente, é a ponte de facto com as redes sociais."

O entrevistado também cita que a formação em redes sociais, destaca-se a importância de oferecer formação adequada para que os locutores compreendam o funcionamento dessas plataformas e saibam como utilizá-las de forma estratégica no exercício da profissão.

(Entrevistado 4) "Os locutores, que são jornalistas, também precisam ter formação para estarem nas redes sociais e para perceberem a importância de estar lá, porque o futuro não é o futuro, o presente passa por ali e o futuro vai continuar a passar. Nós temos que fazer essa ligação e formar os profissionais para isso."

A habilidade para atuar nas redes sociais é mencionada como uma exigência atual para o locutor. A produção de conteúdo próprio é apontada como parte das responsabilidades do profissional, especialmente em contextos em que não há equipes dedicadas exclusivamente a essa função.

(Entrevistado 2) "Tem que ter habilidades de redes sociais. Pede-se hoje em dia um locutor. Um locutor que vai para uma rádio que não tem grandes produtores de conteúdo. Vai ter que produzir os seus próprios conteúdos."

Além da atuação nas redes sociais, é mencionada a importância de dominar ferramentas digitais de forma geral. O conhecimento dessas tecnologias é considerado fundamental no contexto atual, ampliando as competências exigidas do locutor para além da performance vocal.

(Entrevistado 2) "Mas fora estas competências mais físicas de voz, as competências de viver no mundo digital são fundamentais. Saber usar as ferramentas digitais."

A ideia de que o profissional de rádio deve atuar como uma espécie de influenciador digital é mencionada como uma possibilidade para o fortalecimento da presença individual do locutor. A construção de uma audiência própria, com estilo, linguagem e formas de interação personalizadas, é apontada como um diferencial que vai além da programação da emissora.

(Entrevistado 5) "Eu acho que eles têm que ser personalizados. O profissional de rádio tem que ser uma espécie de influenciador digital da rádio. Ou ele cria uma audiência própria, um estilo próprio, uma interação própria, independente da rádio onde ele está, e não somente pelo que ele toca ou pelo que ele divulga, mas pela personalização dele, a interação dele com o vídeo."

Também é mencionada a importância de buscar referências em profissionais e práticas do passado como forma de aprimorar a atuação atual. O acesso facilitado a conteúdos anteriores é apontado como uma oportunidade para observar estilos, técnicas e estratégias que ainda podem servir como base para o desenvolvimento da locução contemporânea.

(Entrevistado 3) "Quem não ouvir o outro, ouvir a concorrência, ouvir o colega e buscar referências no passado, que dá para buscar hoje, a gente tem facilidade nisso, a gente consegue buscar referências para melhorar, não vai deslanchar."

3.4 Futuro da Locução de Rádio

A categoria "Futuro da Locução de Rádio" reúne as projeções feitas pelos entrevistados sobre os caminhos possíveis para a profissão diante das transformações tecnológicas em curso. São abordadas percepções relacionadas à continuidade do trabalho do locutor, ao uso crescente da inteligência artificial no setor e às expectativas sobre como será o perfil profissional necessário nos próximos anos. A diversidade de opiniões expressa diferentes níveis de otimismo, preocupação e adaptação frente às mudanças observadas no cenário radiofônico.

A entrevistada menciona a necessidade de adaptação ao cenário tecnológico, ainda que acompanhada de certa cautela. A expectativa diante das mudanças trazidas pela inteligência artificial é descrita com algum receio, mostrando uma postura de observação atenta em relação ao que pode acontecer com o futuro da locução.

(Entrevistado 6) "Vamos saber adaptar-nos, eu acho que é muito por aí, mas tenho algum receio. Para já, ainda estou cautelosamente à espera do que vai acontecer com a inteligência artificial."

O entrevistado destaca que o impacto da inteligência artificial no futuro da locução dependerá também do desenvolvimento do próprio profissional de rádio. A forma como cada um se aprimora e evolui é apontada como um fator determinante para enfrentar as mudanças e aproveitar as possibilidades que a tecnologia oferece.

(Entrevistado 3) "Ela pode ajudar em vários pontos, mas tudo vai depender de como o profissional de rádio também vai se desenvolver. Eu espero que se desenvolva cada vez mais e que fique cada vez melhor."

A inteligência artificial é mencionada como um recurso que pode ser utilizado como complemento ao trabalho do locutor. É destacada a possibilidade de usar a tecnologia em atividades como a pesquisa e a recolha de informações, de forma a apoiar e otimizar tarefas que já fazem parte da rotina profissional.

(Entrevistado 6) "Eu acho que nós fazemos tantas pesquisas para o nosso trabalho, entrevistas de artistas e tudo mais, e eu acho que aí podemos contar com a inteligência artificial. Mais na parte de recolha de informação, qualquer coisa que lá está, complementa aquilo que nós fazemos, o nosso trabalho."

Os entrevistados mencionam uma visão positiva em relação ao futuro da locução, vinculada à qualificação dos profissionais e à valorização da profissão. A presença de locutores mais preparados é apontada como um fator que pode limitar o avanço da inteligência artificial no setor. Também é destacada a resiliência do meio radiofônico, que, apesar das previsões negativas ao longo dos anos, segue fortalecido. Há expectativa de que o locutor de rádio conquiste melhores condições de trabalho e reconhecimento no mercado.

(Entrevistado 3) "Quanto mais profissionais qualificados a gente tiver, menos espaço a inteligência."

(Entrevistado 6) "Mas cálculo que anunciaram tantas vezes a morte da rádio, e até agora a rádio só está mais forte, parece-me."

(Entrevistado 3) "Perspectiva melhor de mercado de trabalho, que o locutor de rádio seja mais bem remunerado, que ele tenha mais condições para ser uma profissão mais valorizada."

São mencionadas possíveis exigências futuras relacionadas a aspectos éticos e deontológicos no uso da inteligência artificial na rádio. A necessidade de estabelecer limites claros e de desenvolver novos conhecimentos específicos é apontada como um dos principais desafios para os próximos anos.

(Entrevistado 4) "Portanto, no futuro, eu acho que isto vai obrigar a outro tipo de conhecimentos e a desafios éticos também, e deontológicos, e a travões, muitos travões. Vamos ter que saber meter travões em várias coisas. E acho que esse vai ser o desafio maior."

A necessidade de compreender e dominar a inteligência artificial é apontada como uma forma de manter controle sobre os rumos da atuação profissional na rádio. Ainda que a presença da IA cresça, é mencionado que o domínio desse conhecimento pode permitir ao profissional acompanhar e influenciar o processo, mesmo que não esteja diretamente envolvido em todas as etapas.

(Entrevistado 5) "A gente precisa entender IA e dominar IA para poder controlar o jogo, basicamente isso. Mas a gente não necessariamente vai estar no campo jogando."

A trajetória da rádio é descrita pelo entrevistado com um histórico de adaptação frente às transformações tecnológicas. A comparação com momentos anteriores, como o surgimento da televisão ou a transição para a frequência modulada, é utilizada para contextualizar o cenário atual. Também é destacada a importância de observar o percurso histórico do meio como forma de compreender as mudanças e reconhecer padrões de continuidade.

(Entrevistado 2) "E a rádio sempre se adaptou a essas mudanças para que tudo continue a funcionar bem. Daquilo que aconteceu quando apareceu a televisão, daquilo que aconteceu quando apareceu a rádio de qualidade FM, comparado com o da média." (...) "E é preciso olhar para a história da rádio. Então, às vezes, nós que percebemos o que

vem para a frente, temos que andar uns passos para trás. Até agora, dei meia dúzia de passos para trás. Percebi que mudaram algumas coisas e que eles continuaram na mesma."

A inteligência artificial é descrita pelos entrevistados como um recurso que pode facilitar o trabalho do locutor em diferentes situações. Há referência ao uso da tecnologia como apoio em tarefas específicas, como a criação de textos, a correção de falhas vocais ou a resolução de demandas pontuais. Nesse sentido, a IA é vista como uma aliada prática no cotidiano profissional.

(Entrevistado 2) "IA ajuda a corrigir erros. E se a IA me ajudar a corrigir erros, e outros, como... os da minha rouquidão... Só posso agradecer."

(Entrevistado 4) "Um facilitador, ou seja, para ajudar a criar textos, ajudar a desenrascar situações pontuais. Portanto, eu diria que um facilitador."

Os entrevistados também citam a possibilidade de integração entre a atuação humana e o uso da inteligência artificial é apresentada como uma forma viável de lidar com as transformações no campo da locução. A tecnologia é vista como um recurso que pode ser utilizado de maneira complementar, especialmente em situações práticas e pontuais. Ao invés de uma relação de competição, os entrevistados destacam que se trata de funções distintas, com potencial para cooperação.

(Entrevistado 5) "Eu acho que a única forma é o humano percebendo que a inteligência artificial pode trabalhar para ele. Mas dizer que a gente vai competir com eles não dá. São duas coisas diferentes."

(Entrevistado 4) "Podem. Quando eu digo que se podem complementar e pode ser um facilitador, naquelas situações em que eu preciso, estou sozinho neste momento a fazer a minha locução, eu preciso de criar aqui uma dinâmica de vozes diferente e quero meter aqui um separador e não tenho e acabei de criar esta rúbrica e preciso já, então ok, eu vou e uso naquele momento."

A perspectiva de um cenário híbrido é apontada como uma possibilidade para o futuro da locução de rádio. A junção entre vozes humanas e artificiais é vista como um caminho

possível, especialmente diante do avanço acelerado das tecnologias. A utilização das vozes sintéticas seria destinada a momentos específicos da programação, enquanto a presença da voz humana é considerada indispensável para determinadas funções e contextos.

(Entrevistado 1) "Eu vejo a utilização de vozes de locutores e vozes artificiais. Eu vejo essa junção das duas coisas. Muito, muito. Talvez até menos locutores humanos e mais vozes de inteligência artificial no ar, porque o avanço está muito rápido, muito rápido." (...) "Dividindo esses espaços, essas necessidades, essas horas que precisa realmente de um... que não tenha locutor. Para poder suprir essa necessidade de horários. Acho que é dessa forma."

(Entrevistado 4) "Híbrido. Eu imagino o futuro híbrido numa mistura entre a inteligência artificial e a voz humana. Eu acho que a voz humana nunca vai desaparecer."

3.5 Etapa 2 - Experiência auditiva

A segunda etapa das entrevistas concentra-se na experiência auditiva dos participantes com diferentes vozes geradas por inteligência artificial e Humana. Esta parte da análise procura compreender como os profissionais da locução percebem, avaliam e reagem às características sonoras dessas vozes, sobretudo em comparação com a locução humana tradicional.

Ao analisar essas percepções auditivas, esta etapa da pesquisa enriquece a compreensão dos desafios sensoriais e subjetivos envolvidos na substituição (ou não) da voz humana por tecnologias artificiais. Também fornece subsídios importantes para pensar o futuro da locução não apenas como uma função técnica, mas como uma experiência estética e afetiva que vai além da simples transmissão de mensagens.

Durante a entrevista, os participantes ouviram dois trechos de locução: o Trecho A, produzido por um locutor humano, e o Trecho B, gerado por inteligência artificial. A ordem foi mantida para todos os entrevistados, no entanto, **a identidade das vozes não foi revelada previamente**. O objetivo foi garantir que as percepções expressas fossem fruto da escuta atenta e não influenciadas por conhecimento prévio sobre a origem das vozes.

Tabela 3 - Análise de conteúdo - Parte 2 - Experiência Auditiva

| Análise de conteúdo – Experiência auditiva parte 2 | | |
|--|----------|-------------|
| Categorias | Fontes | Referências |
| 1. Percepção Vocal e Expressividade | 6 | 53 |
| 2. Credibilidade e Envolvimento do Ouvinte | 6 | 35 |

As duas categorias analisadas nesta pesquisa – **Percepção vocal e expressividade** e **Credibilidade e envolvimento do ouvinte**– se complementam ao oferecer uma visão abrangente sobre as transformações trazidas pela inteligência artificial na rádio. Enquanto a primeira aborda os aspectos mais racionais e profissionais da mudança, com foco nas expectativas, receios e competências exigidas, a segunda mergulha na dimensão sensorial e subjetiva da escuta, revelando como os locutores interpretam e reagem às novas vozes artificiais. Juntas, essas categorias proporcionam uma leitura mais completa sobre o presente e o futuro da locução radiofônica em tempos de algoritmos e bytes.

3.5.1 Percepção Vocal e Expressividade

Essa categoria visa identificar elementos como naturalidade, expressividade, clareza, fluidez e conexão emocional, aspectos frequentemente destacados como essenciais na comunicação radiofônica. A escuta crítica realizada pelos entrevistados permitiu levantar reflexões sobre a qualidade técnica e interpretativa das vozes sintéticas, revelando tanto elogios aos avanços tecnológicos quanto limitações percebidas no desempenho das IAs.

A percepção de elementos sonoros fora do padrão esperado foi registrada por alguns participantes, que relataram uma sensação auditiva distinta durante a escuta. Esse tipo de observação aponta para características vocais que se destacaram no processo de recepção, provocando uma experiência marcada por uma diferença perceptível em relação àquilo que comumente se associa à locução radiofônica.

(Entrevistado 1) “Em certos momentos, me soou uma estranheza no meu ouvido. Estranheza por perceber que teria alguma coisa diferente.”

A entonação vocal também foi indicada como um aspecto relevante para diferenciar os trechos apresentados. A expressividade percebida não esteve associada ao conteúdo das

mensagens, mas à forma como as vozes foram moduladas, sendo atribuída ao modo como o tom de voz variava ao longo do trecho.

(Entrevistado 2) “Nem sei dizer elas são tão diferentes, são rádios americanas animadas, então acho que é uma experiência animada. A primeira, a experiência A parece ser mais animada que a experiência B. Não pelo conteúdo, mas pelo tom de voz mais animada.”

Por outro lado, alguns participantes relataram uma experiência de escuta contínua, natural e próxima de situações cotidianas, sem percepções que indicassem distinções claras entre os trechos. A recepção da locução foi descrita como tranquila, sem interrupções na fluidez ou no envolvimento com a escuta.

(Entrevistado 4) “Foi uma experiência como se estivesse a ouvir uma rádio normal, como se fosse no carro, a ouvir rádio tranquilamente, com a apresentação de programas, envolvido, sem qualquer tipo de diferença daquilo que eu acho que é rádio para o mortal.”

A ausência de variação no tom de voz foi destacada por alguns participantes como um elemento marcante da experiência auditiva. As falas indicam que a linearidade da locução comprometeu a expressividade vocal, mesmo quando o conteúdo era considerado adequado ou bem estruturado. A falta de entoação e de modulações perceptíveis gerou a sensação de uma performance mecânica, pouco envolvente e sem elementos que transmitissem emoção ou intenção comunicativa mais clara.

(Entrevistado 3) “E o do B, eu achei tudo muito linear, apesar de ter uma interpretação bacana, muito linear. Tem uma interpretação, óbvio que a dicção é ótima, mas é muito linear.”

(Entrevistado 6) “Até disse ali uma piada, mas não disse com entoação. Falta olho, ali qualquer coisa, é tudo muito linear, tudo sem oscilações, sem... Sem o calor da voz.”

A comparação entre os dois trechos levou uma das participantes a identificar diferenças na entonação das vozes apresentadas. A primeira locução foi associada a uma performance com maior variação vocal, enquanto a segunda foi percebida como mais artificial. A avaliação está centrada em aspectos expressivos e na naturalidade percebida

da voz, sem menção direta ao conteúdo, reforçando a atenção dedicada à maneira como a mensagem foi entregue, e não ao que foi dito.

(Entrevistado 6) “A primeira tinha mais entoação.” (...) “A segunda pareceu um bocadinho mais artificial.”

A escuta dos trechos revelou percepções contrastantes entre os participantes. Enquanto algumas falas associaram o Trecho B à linearidade e ausência de emoção, outras o descreveram como mais humano, com maior entonação e ritmo agradável.

(Entrevistado 5) “No trecho B eu achei a locução mais humana.”

A preferência pelo Trecho A foi reforçada por diferentes participantes com base na percepção de características mais humanas e expressivas. Os comentários destacaram elementos como engajamento, alegria, vibração e entoações marcantes. A naturalidade e a vivacidade percebidas na performance vocal do primeiro trecho foram associadas a uma escuta mais envolvente e emocionalmente rica. A ênfase dada à forma como a mensagem foi transmitida evidencia a valorização de aspectos como entusiasmo e energia vocal.

(Entrevistado 1) “Eu preferi o trecho A. Para mim, soou mais... Engajou mais. Suou mais... Mais humano, para mim.”

(Entrevistado 2) “O trecho A. Porque as entoações eram mais interessantes, havia a alegria contagiante em 2, 3 metros de voz, sobretudo uma voz feminina bastante contagiante.”

(Entrevistado 3) “Prefiro muito mais o A. Justamente por isso. Você vê? Como eu te falo, se for inteligência artificial A, olha, eu ajoelho e bato palma. Porque achei... aquela vibração, aquela vibe que eles gostam de dar, de falar ali... Você vê ele até dar uma ênfase diferente.”

A dimensão emocional da locução foi apontada de forma recorrente por diferentes participantes, especialmente no Trecho A. Foram destacadas entoações marcadas por entusiasmo, euforia, variações de ritmo e ênfase, que contribuíram para uma escuta mais

envolvente. A presença de emoções como alegria e leveza foi identificada em momentos específicos, fortalecendo a percepção de uma locução mais viva e com maior intenção comunicativa. Os relatos também mencionaram oscilações e “ondulações” na voz, sugerindo maior dinamismo expressivo.

(Entrevistado 6) “A primeira porque lá estava, tinha mais entusiasmo, tinha mais emoção na voz. A segunda até dizia coisas com graça.”

(Entrevistado 1) “No trecho A... Para mim, dentro das inflexões, pra mim teve momentos de emoção, teve um momento de euforia, teve um momento de o ritmo acelerar, abaixo um pouquinho, então acho que teve dessa forma no trecho A.”

(Entrevistado 2) “Eu diria que no trecho A tem a alegrias em determinados momentos que são notoriamente claras.”

(Entrevistado 3) “Mas aí a partir dali a gente sente a emoção e passa o que que é para você aquela coisa do, olha, fique ligado, você não vai ser preso, no caps, aquela coisinha, bacana, achei legal, e passa justamente isso que é aquela intenção, apesar de ter um tom meio bem humorado.”

(Entrevistado 6) “No trecho A, uma locução muito mais ondulada, com mais emoção. Com mais entoação.”

A variação tonal e a alternância de inflexões foram elementos amplamente observados no Trecho A. Participantes destacaram mudanças na entonação, prolongamentos sutis de palavras e oscilações de ritmo como características que contribuíram para uma experiência auditiva mais dinâmica. Em contrapartida, o Trecho B foi associado a um padrão de leitura mais fragmentado, com estrutura percebida como artificial ou construída em blocos. A diferença entre os dois trechos foi marcada pela percepção de fluidez no A e rigidez no B, segundo os relatos.

(Entrevistado 1) “As inflexões do trecho A. As inflexões. O trecho B, para mim, souo um pouco... Blocado, com blocos, sabe? Como se fosse ler um pouquinho, ler mais um pouquinho, ler mais um pouco, como montagens. Para mim, soa dessa forma. Para mim, soa artificial no trecho B.”

(Entrevistado 2) “Olha, no trecho A eu já disse o que é que me chamou a atenção. Variações de tom de voz. O que eu que não diria a gente diz que é prolongar, sei lá, vou dizer, ele amou alongamento, vou dizer amou alongamento, ele fica ligeiramente mais longo. Há ali instalações de alegria ou de duração de tempo que mudam mais.”

(Entrevistado 3) “Então eu gostei muito mais do A. e ele tem essa coisa da alternância, né? subir e descer o tom.”

As falas a seguir revelam percepções opostas em relação à naturalidade da locução. Enquanto uma participante descreve o Trecho A como mecanizado, destacando ausência de entonação e ritmo uniforme, outro participante atribui ao Trecho B características de maior naturalidade. As descrições utilizam termos relacionados à forma técnica da fala, como cortes, aceleração e uniformidade, sugerindo atenção à fluidez e à espontaneidade vocal durante a escuta.

(Entrevistado 5) “No trecho A, essa parte mais mecanizada parece uma coisa... Uma gravação mesmo que você faz e que você acelera e depois você faz cortes. Então você não vê entonação, você vê uma fala como se fosse um uniforme, né?”

(Entrevistado 4) “Preferi o trecho B, porque me pareceu mais natural.”

A escuta comparativa permitiu a identificação de qualidades distintas atribuídas a cada um dos trechos por um mesmo participante. O Trecho A foi associado à vivacidade, enquanto o Trecho B foi descrito como mais natural. A atenção se concentrou em características vocais específicas, como energia e espontaneidade, presentes em diferentes intensidades nas duas locuções. A diferenciação não foi apresentada como uma oposição, mas como uma apreciação de atributos variados em cada voz.

(Entrevistado 4) “Trecho A, chamam mais a atenção a vivacidade.” (...) “No trecho B, chamam mais a atenção a naturalidade do discurso.”

A ausência de fluidez e dinamismo foi apontada como um aspecto negativo na avaliação do Trecho B. A percepção de uma locução não fluente e sem ritmo marcado indica um distanciamento da expressividade vocal esperada em contextos radiofônicos.

(Entrevistado 1) “Trecho B, não está fluente, não está dinâmico, não está fluido.”

A clareza vocal foi mencionada como fator de diferenciação entre os trechos. A articulação e a inteligibilidade do discurso foram mais evidentes no Trecho A, segundo o relato do participante. Outro aspecto destacado foi o uso da respiração como elemento expressivo. A presença de pausas e oscilações no tom foi associada à construção de uma performance vocal mais rica, em contraste com uma leitura linear ou artificial. A respiração é interpretada não apenas como um recurso fisiológico, mas como componente intencional da expressividade.

(Entrevistado 2) “O trecho A pareceu mais claro que o trecho B.”

(Entrevistado 3) “E às vezes para dar essa subida, essa descida, como tem no 1, essa respiração é fundamental. E mesmo que você corte, você sente bem, né, a pegada ou quando você baixa o tom, enfim.”

A velocidade da fala foi destacada como um fator que dificultou a compreensão no Trecho A. A locução foi descrita como rápida e confusa, o que comprometeu a recepção da mensagem. Em contraponto, o Trecho B foi avaliado de forma positiva quanto à sonoridade, sendo considerado mais agradável. A comparação entre os trechos se dá pela forma como a voz foi entregue, com ênfase em ritmo, clareza e conforto auditivo.

(Entrevistado 5) “O trecho A, basicamente a locução é muito rápida, muito confusa.” (...) “Já a primeira parte do trecho B, que é a locução do trecho B, é muito agradável.”

A clareza vocal foi percebida de forma equilibrada entre os dois trechos por um dos participantes. A avaliação não destacou diferenças significativas nesse aspecto, apontando que ambos os áudios apresentaram um nível satisfatório de inteligibilidade. A fala evidencia uma recepção estável quanto à articulação e compreensão da mensagem, sem identificar superioridade clara entre as locuções.

(Entrevistado 4) “Portanto, houve ali uma média boa, no geral, mas de ambos, quer do A, quer do B.”

A ausência de emoção foi uma característica recorrente nas falas de alguns participantes ao se referirem ao Trecho B. A locução foi descrita como plana, sem variações moduladas que transmitissem sentimentos ou intenções. A falta de expressividade vocal comprometeu a transmissão da mensagem em sua dimensão afetiva e envolvente. Os relatos destacam que a voz soou mecânica ou sem energia, não conseguindo estabelecer uma conexão emocional com o ouvinte.

(Entrevistado 1) “Não sou para mim nenhum tipo de... de emoção, só foi como se você vai ouvir agora o Van Halen. Sabe? Pra mim foi desse jeito.”

(Entrevistado 6) “Não. Do segundo não tinha emoção nenhuma.”

(Entrevistado 2) “No trecho B eu tenho mais dificuldade em perceber a intenção da voz. Uma coisa que falha no trecho B é justamente a intenção da voz. Por ser muito plana nas modulações.”

As percepções sobre o Trecho B apresentaram contrastes significativos entre os participantes. Enquanto algumas falas apontaram ausência de vibração e emoção, outras atribuíram à locução traços interpretativos e entoação expressiva. Essa diversidade evidencia que os elementos vocais do trecho foram recebidos de formas distintas, a depender da escuta individual. A interpretação vocal foi percebida tanto como insuficiente quanto como emocional, revelando a subjetividade envolvida na recepção da voz.

(Entrevistado 3) “No B, tem uma interpretação, mas não é uma coisa vibrante.”

(Entrevistado 5) “No trecho B era uma leitura e aí dava uma entonação de interpretação, de emoção, de interpretar.”

A autenticidade e a expressividade vocal foram atributos amplamente associados ao Trecho A. Participantes destacaram que a voz nesse trecho soava mais natural, envolvente e com características de interpretação emocional. A percepção de uma entrega vocal mais genuína se repetiu em diversas falas. No entanto, uma das respostas reconhece a presença de expressividade também no Trecho B, reforçando que, embora a maioria das

percepções tenha sido concentrada no primeiro trecho, há variações individuais quanto à identificação dessas qualidades nas duas locuções.

(Entrevistado 1) “No A sim, para mim. No B não.”

(Entrevistado 2) “No trecho A soava autêntica e expressiva.”

(Entrevistado 6) “Não, só na primeira.”

(Entrevistado 4) “É expressivo assim, mas no A até que no B eu disse isso já atrás. Autêntica também.”

A locução do Trecho B também foi descrita, por um dos participantes, como autêntica, embora sem expressividade. A observação evidencia que autenticidade e expressividade foram compreendidas como aspectos distintos da performance vocal. Essa diferenciação amplia o espectro de avaliação, indicando que mesmo uma voz percebida como natural pode não transmitir emoção ou intenção comunicativa de forma clara.

(Entrevistado 2) “No trecho B soava autêntica, mas algo inexpressível.”

Alguns participantes atribuíram autenticidade e expressividade a ambos os trechos, ainda que com ênfase maior em momentos específicos. As respostas indicam que essas qualidades não estiveram exclusivamente presentes em uma única locução, sendo percebidas em diferentes pontos das gravações.

(Entrevistado 3) “Sim, nos dois. Senti sim. Um pouco mais no um do que no outro, mas sim, sim.”

(Entrevistado 5) “Na primeira parte do trecho B e na propaganda 1 do trecho A.”

3.5.2 Credibilidade e envolvimento do ouvinte

Esta categoria reúne as percepções dos participantes relacionadas à confiança transmitida pela voz, ao interesse gerado pela locução e ao grau de conexão estabelecido com o ouvinte durante a experiência auditiva. Foram analisados elementos como naturalidade, clareza, profissionalismo, engajamento e identificação com o estilo da locução. A forma

como a voz é recebida, para além do conteúdo, se revelou determinante na construção da credibilidade e na manutenção da atenção ao longo da escuta.

O Trecho A foi associado a maior interesse e engajamento por parte de diversos participantes. As falas indicam que a locução despertou atenção e motivação para continuar ouvindo, criando um vínculo mais direto com a escuta. Mesmo sem detalhamentos extensos, as respostas foram enfáticas ao indicar o primeiro trecho como mais envolvente, sugerindo que a maneira como a mensagem foi transmitida contribuiu para essa conexão mais efetiva com o ouvinte.

(Entrevistado 1) “No A. No A sim.”

(Entrevistado 2) “É do primeiro trecho, sim.”

(Entrevistado 3) “Só batendo pro lado A, né? Mas o A, sim, me deu mais vontade de entender.”

(Entrevistado 6) “Só a primeira.”

As percepções sobre a credibilidade da locução apresentaram variações significativas entre os participantes. Enquanto alguns relataram confiar plenamente nos trechos ou em partes específicas, outros expressaram reservas quanto à autenticidade ou à intenção comercial percebida nas vozes. A confiança foi descrita como limitada ou ausente, especialmente quando a locução foi associada a um tom excessivamente artificial ou publicitário. Alguns relatos revelam também a influência do contexto da escuta e da postura crítica adotada durante a análise, o que pode ter impactado diretamente na forma como a confiabilidade da mensagem foi percebida.

(Entrevistado 1) “No B veio pouco pra mim.”

(Entrevistado 2) “Não. Mas isso é deficiência profissional.”

(Entrevistado 3) “Sim.”

(Entrevistado 6) “Eu sempre que eu ouço publicidade e apesar de eu própria gravar locuções... eu penso sempre, pronto, lá me estão a tentar impingir mais alguma coisa.”

(Entrevistado 5) “Não, só na primeira parte do trecho B. O resto tudo me pareceu robotizado e propaganda.”

(Entrevistado 4) “A minha resposta é não, mas eu reconheço que eu estava em análise, e portanto, por isso é que não.”

A percepção de profissionalismo na locução esteve presente na maioria dos relatos, tanto em relação ao Trecho A quanto ao Trecho B. A qualidade técnica da voz foi reconhecida por diversos participantes, mesmo quando havia reservas quanto à confiabilidade do conteúdo. Em algumas falas, a distinção entre profissionalismo e confiança ficou evidente: enquanto a execução vocal era considerada bem-feita, o vínculo de credibilidade nem sempre se estabelecia de forma integral. Outros participantes apontaram que o conhecimento prévio sobre o uso de inteligência artificial interferiu na avaliação da confiabilidade, ainda que o desempenho técnico fosse bem avaliado.

(Entrevistado 1) “No A, com certeza, e no B não.”

(Entrevistado 2) “Sim, nos dois soava profissional e confiável.”

(Entrevistado 3) “Sim, muito, muito, nos dois, tanto no A quanto no B.”

(Entrevistado 6) “A primeira. O segundo... não sei, acho que não. Como eu já olho para aquilo feito por um computador, já não consigo olhar para isso de forma isenta.”

(Entrevistado 5) “Profissional, sim. Em todos os trechos. Confiável só na primeira parte do trecho B.”

(Entrevistado 4) “A maior parte sim.”

Ao serem convidados a identificar qual locução pertencia a um locutor humano e qual havia sido produzida por inteligência artificial, a maioria dos participantes atribuiu o Trecho A à voz humana e o Trecho B à voz artificial. As justificativas para essa identificação, ainda que breves, demonstram que a percepção vocal esteve fortemente associada a traços como naturalidade, expressividade e fluidez. Houve também quem expressasse dúvida ou distinções dentro dos próprios trechos, identificando trechos

mistos ou variações internas, o que aponta para a complexidade da escuta e os limites da percepção auditiva no reconhecimento entre vozes humanas e sintéticas.

(Entrevistado 1) “Na minha percepção, trecho A, humano, e trecho B, IA.”

(Entrevistado 2) “É muito difícil de distingui-los, mas eu diria que o trecho A é locutor humano e o trecho B é locutor de IA.”

(Entrevistado 3) “Nos trechos A, locutor humano, e nos trechos B, locutor de IA. Só sim. Eu acredito que sim.”

(Entrevistado 6) “O primeiro é humano, o segundo artificial.”

(Entrevistado 5) “Eu tive a impressão de que na propaganda 1 do trecho A é humano e o restante é inteligência artificial. E eu tive a impressão de que na primeira parte do trecho B era humano e o resto era inteligência artificial.”

Ao serem questionados sobre possíveis vantagens da locução feita por inteligência artificial, alguns participantes demonstraram dificuldade em identificar aspectos positivos a partir da experiência auditiva apresentada. As falas destacam a ausência de elementos considerados fundamentais para o engajamento, como autenticidade e verdade na voz. A locução artificial foi descrita como incapaz de transmitir emoção e gerar conexão com o ouvinte, comprometendo a credibilidade da comunicação. Os entrevistados se mostraram céticos quanto ao potencial da IA, ao menos com base nos trechos analisados.

(Entrevistado 1) “Vantagens? Se eu for ouvir por esse áudio, eu não vi vantagem por esse áudio que eu acabei de ouvir. Não passou verdade para mim. Essa foi a desvantagem, não passou verdade. Não engajou, vantagem nenhuma nesse momento.”

(Entrevistado 4) “Sinceramente não vejo onde é que podia ser mais. Acho que a situação a gente pode ser igual, mas não me parece.”

Alguns participantes apontaram limitações claras na performance da locução por inteligência artificial, destacando aspectos que ainda não são plenamente alcançados pela tecnologia. Foram mencionadas dificuldades na entrega de entonações específicas, na

adaptação a intenções variadas e na fluência da cadência vocal. A IA foi percebida como limitada na construção de nuances interpretativas e no equilíbrio entre voz, texto e intenção comunicativa, o que compromete a naturalidade e a expressividade da fala.

(Entrevistado 3) “Quando você precisa às vezes dar um ponto diferente, eu acho que por enquanto a IA não chega.”

(Entrevistado 5) “Eu acho que eles não conseguiram ainda chegar nessa voz de timbre mais suave, mais agradável, com uma interpretação adequada, voz barra texto, barra intenção ou barra propaganda e nem numa... verbalização que não segue uma cadência uniforme.”

A valorização da voz humana também foi destacada por um dos participantes, que a descreveu como detentora de qualidades sonoras mais interessantes. A menção à “textura” da voz sugere a presença de camadas sonoras e características expressivas que contribuem para tornar a escuta mais envolvente. A fala reforça a percepção de que a locução humana ainda possui atributos considerados insubstituíveis na comunicação.

(Entrevistado 2) “A produção humana dá uma textura de voz muito mais interessante.”

Apesar de reconhecer a qualidade técnica da dicção na locução por inteligência artificial, uma das participantes destacou que essa mesma característica pode criar um efeito de distanciamento. A fala sugere que a precisão artificial, ainda que eficiente, compromete a conexão emocional e a proximidade com o ouvinte. A ausência de imperfeições humanas foi percebida como um fator que enfraquece a identificação com a voz.

(Entrevistado 6) “A dicção talvez seja um bocadinho mais perfeita. Mas lá está, eu acho que isso também distancia um bocadinho das pessoas.”

Entre os aspectos considerados insubstituíveis na locução humana, os participantes destacaram com frequência elementos como emoção, carisma, verdade, alegria e espontaneidade. As falas revelam a importância da presença humana como mediadora da comunicação, atribuindo valor à capacidade de interpretar, reagir, envolver e criar vínculos afetivos com o ouvinte. A locução foi compreendida não apenas como uma atividade técnica, mas como um gesto humano que envolve sensibilidade, timing,

criatividade e autenticidade. O contato humano-humano foi mencionado como insubstituível, assim como a capacidade de improvisar, respirar de forma natural e entregar uma mensagem com intenção subjetiva.

(Entrevistado 1) “Emoção... Carisma, verdade, principalmente esses pontos que eu te passei. Emoção, verdade, carisma, na hora de você passar uma informação ou passar alguma mensagem.”

(Entrevistado 2) “Mas se olharmos para a locução como sendo parte de uma pessoa... aí esse aspecto é insubstituível. Por quê? Porque a IA nunca substitui uma pessoa. Não é uma pessoa.”

(Entrevistado 3) “A gente fala em emoção, mas sabe qual talvez o mais importante? Alegria.”

(Entrevistado 6) “A emoção. A emoção que nós emprestamos às palavras.”

(Entrevistado 5) “Eu acho que o principal é uma voz agradável, é a interação homem-homem, eu digo, humano-humano, pessoa-pessoa, é a intimidade, a agilidade de resposta, essa perspicácia de texto, de conteúdo que o humano tem e que a inteligência artificial ainda não tem, pelo menos dentro do que eu conheço.”

(Entrevistado 4) “A respiração, já disse ao bocado, não é? A espontaneidade. Ou seja, a capacidade de reagir durante um fator externo.”

Em síntese, a análise qualitativa das entrevistas revelou percepções diversas, mas igualmente relevantes, sobre a presença da inteligência artificial na locução radiofônica. Através das categorias estabelecidas, foi possível observar como os participantes articulam suas experiências, inquietações e expectativas diante da introdução de vozes sintéticas, ora reconhecendo seus benefícios técnicos, ora expressando preocupações éticas e estéticas.

Importa referir que, no experimento auditivo realizado, o **Trecho A correspondia à locução humana, extraída da KROQ-FM, uma rádio tradicional da Califórnia**, enquanto o **Trecho B apresentava a locução artificial gerada pela Rádio GPT**. A ordem padronizada

foi mantida em todas as entrevistas, com o intuito de garantir comparabilidade e evitar viés na escuta. A diversidade de reações e argumentos apresentados reforça a complexidade do tema e a relevância de refletir criticamente sobre os caminhos que se abrem, com o avanço da inteligência artificial na mediação vocal da comunicação radiofônica.

CAPÍTULO 4 – CONCLUSÃO

4.1 Considerações Finais

A presente dissertação procurou compreender as implicações da inteligência artificial na locução de rádio, considerando o uso crescente de vozes sintéticas e a forma como essa tecnologia vem sendo percebida por profissionais da comunicação. A partir da análise qualitativa de entrevistas com locutores e comunicadores do Brasil e de Portugal, foi possível mapear sentidos atribuídos à presença da IA na prática radiofônica, especialmente em relação à expressividade, autenticidade e envolvimento do ouvinte.

Os dados indicaram que, embora a inteligência artificial ofereça vantagens técnicas, como clareza, precisão e automação, há uma percepção recorrente de que aspectos humanos como emoção, carisma, espontaneidade e improviso permanecem essenciais na construção de uma comunicação radiofônica eficaz. A escuta dos trechos de locução, um com voz humana, outro com voz artificial, permitiu que os entrevistados refletissem sobre esses elementos de forma comparativa, revelando tanto aceitação quanto resistência à presença da IA no ambiente da rádio.

A análise de conteúdo adotada permitiu organizar essas percepções em categorias temáticas que evidenciam um cenário de transição. As falas dos entrevistados sugerem a possibilidade de um modelo híbrido, em que a inteligência artificial pode atuar como ferramenta complementar, sem substituir integralmente a locução humana.

4.2 Limitações do Estudo

Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, esta dissertação não tem como objetivo generalizar os resultados obtidos, mas sim compreender em profundidade as percepções de um grupo específico de profissionais da comunicação. A amostra foi composta por seis participantes, divididos entre o Brasil e Portugal, com experiência direta ou indireta em locução radiofônica. Embora essa diversidade geográfica e de atuação enriqueça o material coletado, o número reduzido de entrevistas e a subjetividade inerente ao método podem limitar o alcance das interpretações.

Além disso, os trechos de locução utilizados na experiência auditiva foram selecionados com base em critérios de similaridade de perfil e formato, mas não necessariamente representam todo o espectro de possibilidades oferecidas por locuções humanas ou por

inteligência artificial. Outros contextos, vozes e gêneros radiofônicos poderiam suscitar percepções diferentes daquelas observadas nesta investigação.

4.3 Perspectivas para Pesquisas Futuras

O contínuo das tecnologias de inteligência artificial no campo da comunicação aponta para a necessidade de novos estudos que acompanhem esse processo em tempo real. Investigações futuras poderão explorar, por exemplo, a recepção das vozes sintéticas pelo público ouvinte, analisando o impacto emocional, cognitivo e identitário gerado por locuções artificiais em diferentes gêneros e formatos de rádio e podcast.

Também seria relevante ampliar a amostra de profissionais entrevistados, incluindo gestores, produtores, engenheiros de áudio e desenvolvedores de tecnologia vocal, a fim de compreender o ecossistema técnico e institucional que sustenta a adoção de vozes sintéticas. Por fim, estudos comparativos entre países, emissoras públicas e privadas, ou entre modelos de automação e hibridização podem trazer contribuições significativas para o entendimento dos caminhos possíveis da locução no cenário midiático contemporâneo.

Esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar o tema, mas pretende contribuir para o debate sobre o futuro da locução em um contexto de transformações tecnológicas aceleradas. Novas investigações poderão aprofundar a recepção por parte dos ouvintes, as experiências em emissoras que já operam com IA e as mudanças nos processos formativos de profissionais da voz. A relação entre humanos e máquinas na comunicação sonora ainda está em construção, e é nesse cenário de constante reinvenção que a locução reafirma seu papel essencial: criar vínculos humanos através da voz. O futuro do rádio, embora cada vez mais tecnológico, continuará a ser escrito a muitas mãos e, acima de tudo, a muitas vozes entre timbres e bytes.

BIBLIOGRAFIA

- Affonso, V. (2016, 3 de agosto). Como foi a transmissão de rádio inspirada em 'Guerra dos Mundos'? Superinteressante. Recuperado em 4 de outubro de 2024, de <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-a-transmissao-de-radio-inspirada-em-guerra-dos-mundos/>
- Ajisafe, I. O., & Dada, D. (2023). Artificial Intelligence and the Future of Broadcast Journalism. *Mass Communication and Journalism*, 4(2), 5–9. <https://www.masscomjournal.com/article/69/4-2-5-941.pdf>
- Albuquerque, A. dos S. (2001). Análise comparativa dos métodos de sintetização de voz [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/80028/206429.pdf>
- Almeida, T. (2022, 11 de janeiro). O fim de uma era: Noruega é 1º país do mundo a parar com transmissões de rádio em FM. *G1*. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/o-fim-de-uma-era-noruega-e-1o-pais-do-mundo-a-parar-com-transmissoes-de-radio-em-fm.ghtml>
- Alves, K. C. (2023). *Criação de conteúdo audiovisual, Inteligência Artificial e Desinformação: como a TV pode colaborar na popularização dessa discussão*. In Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Recuperado de https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0817202301123764dd9e352cc0a.pdf
- Anstandig, D. (2024, May 28). Perspective: By 2030, the creator economy will be called "the media." *Inside Radio*. https://www.insideradio.com/free/perspective-by-2030-the-creator-economy-will-be-called-the-media/article_032b67bc-1cbe-11ef-bc4d-9705e737cd48.html

- Anstandig, D. (2024, abril 1). Perspective: Daniel Anstandig on co-presenting with the future. *Inside Radio*. Recuperado de https://www.insideradio.com/free/perspective-daniel-anstandig-on-co-presenting-with-the-future/article_ae3dfa9a-eff8-11ee-b018-37d2c8566eab.html
- Avrella, B., & Becker, T. (2014). *A trajetória histórica das redes de rádio no Brasil*. In Anais do Alcar Sul 2014. Recuperado de https://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/10/GTm%C3%ADdisonora_B%C3%A1rbara_Avrella_T%C3%A1ssia_Becker.pdf
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). Edições 70. <https://archive.org/details/bardin-laurence-analise-de-conteudo>
- Bennett, A. (2020). Digitalization radically changes the music industry. *Harvard Business Review*. <https://d3.harvard.edu/platform-rctom/submission/digitalization-radically-changes-the-music-industry/>
- Berry, R. (2006). Will the iPod Kill the Radio Star? Profiling Podcasting as Radio. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 12(2), 143–162. <https://doi.org/10.1177/1354856506066522>
- Bessa, M. F. (2004). O aspecto vocal no rádio jornalismo. *Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa*.
- Bonini, T. (2015). The second age of podcasting: Reframing podcasting as a new digital mass medium. *Quaderns del CAC*. https://www.cac.cat/sites/default/files/2019-01/Q41_Bonini_EN_0.pdf
- Bosshard, S., Reinecke, E., Brühlmann, J., & Ravaja, N. (2024). Radio, podcast, and music consumption, and processing: A neurophysiological approach. *Brain Sciences*, 14(4), 330. <https://doi.org/10.3390/brainsci14040330>

- Braga, D. F. M. M. da S. (2008). Algoritmos de processamento da linguagem natural para sistemas de conversão texto-fala em português. *Universidade da Corunha*. <https://udc.es>
- Chung, J., Guo, Y., & Lee, S. (2024). *An analysis of artificial intelligence automation in digital music streaming platforms*. *Frontiers in Artificial Intelligence*, 7, 1515716. <https://doi.org/10.3389/frai.2024.1515716>
- Davies, R. T. (2023). Generative AI at the BBC. *BBC*. <https://www.bbc.co.uk/mediacentre/articles/2023/generative-ai-at-the-bbc/>
- Dutoit, T. (1997). *An introduction to text-to-speech synthesis*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Ferreira, A. da P. (2013). *A invenção do rádio: um importante instrumento no contexto da disseminação da informação e do entretenimento*. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, 3(1), 1-17. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/download/16969/13731/48074>
- Frey, C. B., & Osborne, M. A. (2013). *The future of employment: How susceptible are jobs to computerization?* Oxford Martin School, University of Oxford. <https://oms-www.files.svdcdn.com/production/downloads/academic/future-of-employment.pdf>
- Gale Encyclopedia of E-Commerce. (2001). RealNetworks Inc. *Encyclopedia.com*. Retrieved from <https://www.encyclopedia.com/books/politics-and-business-magazines/realnetworks-inc>
- Gates, B. (2023). The age of AI has begun. *Gates Notes*. [A era da IA começou | Bill Gates \(gatesnotes.com\)](https://www.gatesnotes.com/A-era-da-IA-começou-Bill-Gates)
- Hoeg, W., & Lauterbach, T. (2003). *Digital audio broadcasting: Principles and applications of digital radio* (2nd ed.). Wiley. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/book/10.1002/0470871431>

- Hohenstein, J., Kizilcec, R. F., DiFranzo, D., Aghajari, Z., Mieczkowski, H., Levy, K., Naaman, M., Hancock, J., & Jung, M. F. (2023). Artificial intelligence in communication impacts language and social relationships. *Scientific Reports*, 13(5487). <https://doi.org/10.1038/s41598-023-30938-9>
- Instituto de Ciências Sociais. (n.d.). Rádio: A evolução e impacto na sociedade contemporânea. *Instituto de Ciências Sociais*. <https://www.ics.pt/r-a-d-i-o/>
- Jacobs, F. (2024). Techsurvey 2024: How Listeners Feel About AI. *Jacobs Media*. <https://jacobsmedia.com/core-commercial-radio-fans-weigh-in-on-ai/>
- José, C. L., & Serogl, M. J. (2021). *Voz e roteiros radiofônicos: A arte de comunicar sem imagens*. Editora Paulus.
- Kopitz, D., & Marks, B. (1999). *RDS: The radio data system*. Artech House.
- Langer, S., Obermeier, L., Ebert, A., Friedrich, M., Munisamy, E., & Linnhoff-Popien, C. (2020). *Content-based recommendations for radio stations with deep learned audio fingerprints*. *arXiv preprint arXiv:2007.07486*. <https://arxiv.org/abs/2007.07486>
- Lemos, A. (2005). O fenômeno mundial dos podcasts. *Comunicação & Educação*, 10(1), 55–62. https://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=118&titulo=O_fenomeno_mundial_dos_podcasts
- Lopez, D. C., Resende, M., & Borges, D. (2019). Locução automatizada e o rádio musical: Primeiras aproximações. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 42(1), 185-199.
- Luger, G. F. (2002). *Inteligência artificial: Estruturas e estratégias para a resolução de problemas complexos* (4ª ed.). Bookman.

- McLane, P. (2023, março 8). *Futuri grabs radio's attention with RadioGPT*. Radio World. <https://www.radioworld.com/news-and-business/futuri-grabs-radios-attention-with-radiogpt>
- McLane, P. (2023, April 25). *Artificial intelligence makes itself seen (and heard) in radio*. Radio World. [Artificial Intelligence Makes Itself Seen \(and Heard\) in Radio - NAB Amplify \(nabshow.com\)](https://www.nabshow.com/news/artificial-intelligence-makes-itself-seen-and-heard-in-radio)
- McLane, P. (2023, outubro 2). *Absolut Radio Gets a Head Start With AI*. Radio World. <https://www.radioworld.com/news-and-business/news-makers/absolut-radio-gets-a-head-start-with-ai>
- McLane, P. (2024, August 20). *New audio platform from Will.i.am emphasizes interactive AI*. Radio World. <https://www.radioworld.com/news-and-business/headlines/new-audio-platform-from-will-i-am-emphasizes-interactive-ai>
- Meditsch, E. (1997). *Discurso e prática no radiojornalismo*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Meditsch, E. (2001). *O discurso do radiojornalismo: Entre a fala e a escrita*. Florianópolis: Insular.
- Metz, C. (2016, March 16). *Two moves from AlphaGo vs. Lee Sedol that changed the future*. Wired. <https://www.wired.com/2016/03/two-moves-alphago-lee-sedol-redefined-future/>
- Moreira, S. V. (2002). *Rádio em transição: Tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil*. Rio de Janeiro: Mil Palavras.
- O GLOBO. (2022, outubro 30). *O dia em que uma peça de teatro sobre alienígenas aterrorizou Nova York*. Blog do Acervo. <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/o-dia-em-que-um-peca-de-teatro-sobre.html>
- Prata, N. (2007). *Tecnologia, um divisor de águas na história do rádio*. Congresso Nacional da História da Mídia. Recuperado de <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros>

[nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Tecnologia-%20um%20divisor%20de%20aguas%20na%20historia%20do%20radio.pdf](#)

Punchihewa, A., Zink, A., Sabel, L., Cornell, L., & Choi, J. (Eds.). (2014). *Digital Radio Guide* (2nd ed.). World Broadcasting Union. <https://www.researchgate.net/publication/264240740>

Radio World. (2023). Absolut Radio gets a head start with AI. *Radio World*. <https://www.radioworld.com/news-and-business/news-makers/absolut-radio-gets-a-head-start-with-ai>

Robinson, D. (2018). 25 years of internet radio: Part 2. *Streaming Media*. <https://www.streamingmediaglobal.com/Articles/Editorial/Featured-Articles/25-Years-of-Internet-Radio-Part-2-128098.aspx>

Russell, S. J., & Norvig, P. (2010). *Artificial intelligence: A modern approach* (3rd ed.). Prentice Hall.

Seixas, L. L., Ayasser, I. A., Moraes de Souza, L. R., & Mendes de Oliveira, E. M. (2013). Convergência do Rádio para a Internet: a produção de um programa. *XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Manaus - AM – 01 a 03/05/2013*. Centro Universitário do Norte - UNINORTE, AM.

Sequeira, H. (2023, Outubro 5). A inteligência artificial e a rádio. *O Interior*. <https://ointerior.pt/opiniao/a-inteligencia-artificial-e-a-radio/>

Stryker, C., & Kavlakoglu, E. (2024, agosto 9). *O que é inteligência artificial (IA)?* IBM. Recuperado em 25 de abril de 2025, de <https://www.ibm.com/br-pt/think/topics/artificial-intelligence>

Sullivan, J. (2019). The platformization of podcasting: Past and present. *Social Media + Society*, 5(4). <https://doi.org/10.1177/2056305119880002>

- Sullivan, J. (2020). Podcasts as public media: Challenges in the age of platforms. *Global Digital Cultures*. <https://globaldigitalcultures.org/2021/07/30/podcasts-as-public-media-challenges-in-the-age-of-platforms/>
- Teixeira, A., Silva, L. N., & Vaz, F. (2020). Síntese articulatória: Uma introdução. *Revista Ilha Digital*, 18081, 1-17.
- Venta, L. (2023). Futuri launches RadioGPT™. *RadioGPT*. <https://futuraimedia.com>
- Westerlund, M. (2019). The Emergence of Deepfake Technology: A Review. *Technology Innovation yManagement Review*, 9(11), 40–53. <https://doi.org/10.22215/timreview/1282>
- ZY Digital. (n.d.). *Locutores virtuais estão proliferando, mas as aplicações de IA no rádio vão além do áudio*. Recuperado em 4 de outubro de 2024, de <https://zydigital.com.br/radar/locutores-virtuais-estao-proliferando-mas-as-aplicacoes-de-ia-no-radio-vaio-alem-do-audio/>

ANEXOS

Anexo A - Guião das entrevistas

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Uso de Dados na Pesquisa " Entre Timbres e Bytes - O futuro da locução de rádio com a inteligência artificial"

Prezado(a) [Nome do Entrevistado],

Introdução:

O presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tem como objetivo formalizar sua autorização para o uso de seus dados pessoais na pesquisa intitulada "Entre Timbres e Bytes: Futuro da Locução de Rádio com Inteligência Artificial".

Pesquisa:

A Pesquisa, conduzida por Maria Adriana Morais de Mendonça, aluna do segundo ano de mestrado, no curso Comunicação Social Novos Media, na Escola Superior de Educação de Coimbra, sob orientação da professora doutora Carla Susana Ribeiro Patrão, visa compreender a percepção dos profissionais de locução de rádio sobre o impacto da tecnologia na área.

Coleta e Uso de Dados:

Durante a entrevista realizada via plataforma Meet, seus dados pessoais, como nome completo e profissão, serão coletados e utilizados para fins de identificação e organização da pesquisa, **além da sua identificação individualizada (nome e profissão) na dissertação de** Maria Adriana Morais de Mendonça, aluna do segundo ano de mestrado, no curso Comunicação Social Novos Media, na Escola Superior de Educação de Coimbra. Sua entrevista será gravada em audio / video e transcrita para análise posterior.

Armazenamento e Segurança dos Dados:

A gravação da entrevista e a transcrição serão armazenadas em local seguro com acesso restrito aos pesquisadores envolvidos no projeto. Todas as medidas de segurança necessárias serão tomadas para garantir a proteção dos seus dados.

Confidencialidade:

Seus dados pessoais e a transcrição da entrevista serão mantidos em sigilo absoluto. O conteúdo da entrevista não será divulgado de forma individualizada, **exceto seu nome e profissão que serão utilizados para identificá-lo como um dos participantes da pesquisa, devido a relevância da qualificação profissional.**

Direitos do Entrevistado:

Você tem o direito de:

- Solicitar o acesso aos seus dados pessoais;
- Solicitar a correção de seus dados pessoais, caso estejam incorretos ou desatualizados;
- Solicitar a exclusão de seus dados pessoais;
- Solicitar a suspensão do tratamento de seus dados pessoais;
- Opor-se ao tratamento de seus dados pessoais.

Consentimento Livre e Esclarecido:

Ao responder "Sim" na plataforma Meet após a leitura deste Termo, você declara que ouviu e compreendeu todas as informações nele contidas e que concorda livre e expressamente com o uso de seus dados pessoais para os fins descritos acima, **incluindo a sua identificação individualizada (nome e profissão) na dissertação de Maria Adriana Morais de Mendonça, aluna do segundo ano de mestrado, no curso Comunicação Social Novos Media, na Escola Superior de Educação de Coimbra**

Agradecimento:

Agradecemos imensamente sua colaboração nesta pesquisa. Sua participação é essencial para o avanço do conhecimento sobre o futuro da locução de rádio e o impacto da inteligência artificial na área.

Consentimento:

[Sim] [Não]

Data: [Data]

Seção 1: Perfil do entrevistado/ Dados Demográficos:

1. Nome:
2. Idade:
3. Nível de Escolaridade:
4. Qual a sua profissão:
5. Tempo de Experiência na Área:

Seção 2: Percepções sobre a Inteligência Artificial e a Locução de Rádio

A IA na Locução de Rádio:

6. Conhecimento sobre IA: (Baixo, Médio, Alto)
7. Você já teve contato com a inteligência artificial na locução de rádio? Se sim, de que forma?
8. Na sua visão, como a inteligência artificial está impactando a área da locução de rádio?
9. Você acredita que a IA representa uma ameaça à profissão de locutor de rádio? Por quê?
10. Quais são as principais oportunidades e desafios que a IA apresenta para a locução de rádio?
11. Você já teve contato com vozes artificiais utilizadas na locução de rádio? Se sim, quais as suas impressões sobre elas?
12. Quais são as vantagens e desvantagens das vozes artificiais na locução de rádio?
13. Em quais situações você acredita que as vozes artificiais podem ser mais adequadas do que os locutores humanos?
14. Você acredita que a automação de tarefas na locução de rádio é um processo positivo ou negativo? Por quê?

15. Quais tarefas na locução de rádio você acredita que podem ser automatizadas?
16. Como você acha que a automação impactará o trabalho dos locutores de rádio?

Seção 3: Habilidades e Competências para o Futuro

Habilidades Essenciais:

17. Quais habilidades e competências você considera essenciais para um profissional de locução de rádio ter sucesso no futuro?
18. Como você acredita que os locutores de rádio podem se adaptar às mudanças trazidas pela inteligência artificial?
19. Que tipo de treinamento ou desenvolvimento profissional você recomendaria para os profissionais de locução de rádio que desejam se manter competitivos no futuro?

Seção 4: O Futuro da Locução de Rádio

Visão para o Futuro:

20. Como você imagina o futuro da locução de rádio em 5 ou 10 anos?
21. Qual será o papel da inteligência artificial na locução de rádio no futuro?
22. Como você acha que a inteligência artificial e a locução de rádio humana podem coexistir e se complementar no futuro?

Para a segunda parte da entrevista vamos fazer uma experiência auditiva, você vai ouvir dois trechos de locução, ambas com 45 segundos, extraída de duas rádios distintas com o mesmo perfil, sendo uma feita exclusivamente por IA e outra por humanos, não irei identificá-las então você pode fazer anotações para cada uma delas.

Ambas são rádios americanas, então para começar, qual a seu nível do idioma inglês?

Experiência Auditiva:

- **Trecho A:** Locução humana

- **Trecho B:** Locução artificial

Perguntas gerais

23. Como você descreveria a experiência geral de ouvir cada trecho de locução?
24. Qual trecho você preferiu e por quê?
25. Quais aspectos da locução chamaram mais sua atenção em cada trecho?
26. Como você avalia a clareza, articulação e ritmo da voz em cada trecho?
27. Havia alguma dificuldade em entender o que estava sendo dito em algum dos trechos?
28. A voz soava natural e agradável de se ouvir em cada trecho?
29. A voz em cada trecho transmitia a emoção e intenção pretendidas? Se sim, qual emoção e intenção?
30. A voz soava autêntica e expressiva em cada trecho?
31. Havia alguma incongruência entre a emoção pretendida e a voz utilizada em algum dos trechos?
32. A voz em cada trecho despertou seu interesse e te manteve engajado na audição?
33. Você confiou na informação transmitida em cada trecho?
34. A voz soava profissional e confiável em cada trecho?

2. Comparação entre Locuções:

35. Para você, qual dos trechos apresenta um locutor humano e um locutor de IA?

36. Na sua opinião, quais as principais vantagens e desvantagens da locução IA em comparação com a locução humana?
37. Em quais situações você acredita que a locução IA seria mais adequada do que a locução humana? E vice-versa?
38. Quais aspectos da locução humana você considera insubstituíveis pela IA?
39. Como a utilização da locução IA pode impactar a experiência do público em diferentes contextos? (Ex: rádio, podcasts, audiobooks, etc.)
40. A locução IA pode ser utilizada para transmitir a mesma gama de emoções e nuances que a locução humana?
41. A locução IA pode substituir completamente a locução humana no futuro?

